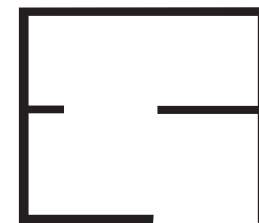




silvia mecozzi



ARTEFORMATTO

Silvia Mecozzi vive e trabalha em São Paulo.

Filha e neta de pintores, Silvia se formou na FAAP e ampliou sua formação trabalhando em ateliers de artistas no Brasil e na França. Em sua primeira individual, *Memória e Muros*, organizada na Pinacoteca do Estado de São Paulo em 1994, recebeu o prêmio Revelação de Pintura da Associação Paulista de Críticos de Arte. Em 1997, participou da temporada de projetos no Paço das Artes com *Identidades Ameaçadas*, que expôs também na Galeria Millan. Em 1998, expõe *Versos Plásticos* na Galeria Millan. Desde 2000, destacam-se as individuais *Mera Esfera Espera Espinho*, apresentada no Museu de Arte Moderna da Bahia (Salvador), no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Porto Alegre) e no Espaço Cultural dos Correios (Rio de Janeiro), em 2003, e na Galeria Raquel Arnaud, em 2004; em 2005 apresentou *Ouriças* na Estação Pinacoteca (São Paulo). Em 2009, integrou a mostra *Libérer L'horizon, Reinventer L'espace* na Cité Internationale des Arts (Paris), e a vídeoinstalação *Olódôdô*, no Museu de Arte Moderna da Bahia (Salvador).

Em 2013, realiza a instalação *Branco de Si* na Galeria Raquel Arnaud. A partir de 2014, integra o grupo de artistas da galeria Eduardo Fernandes, onde expôs em 2016 a série *Foi Tão Corpo Que Foi Puro Espírito*.

Em 2018 realiza livro e vídearte como conclusão de pós graduação na Casa Tombada em São Paulo.

Participou também de inúmeras exposições coletivas desde a década de 1990, entre elas *O Traje como Objeto de Arte*, no Palácio das Artes (Belo Horizonte) e na Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa, Portugal), ambas em 1990; e *Viagens e Identidades* (United Artists V), na Casa das Rosas (São Paulo, 1999). Entre 2000 e 2008, além de exposições coletivas, como *Ópera Aberta*, na Casa das Rosas (2002), e *Natureza Morta/Still Life*, na Galeria de Arte do Sesi e no Museu de Arte Contemporânea de Niterói (2004), integrou *Arte Contemporânea, uma História em Aberto*, 2004, *Transparências*, 2007, e *Entre o Plano e o Espaço*, 2008, , organizadas pela Galeria Raquel Arnaud, *Estratégias do Feminino*, 2019, no Farol Santander de Curitiba.

Silvia Mecozzi lives and works in São Paulo.

She is daughter and granddaughter of painters, Silvia graduated from FAAP and expanded her training by working in artist's studios in Brazil and France. In her first solo show, *Memória e Muros*, organized at the São Paulo State Pinacoteca in 1994, she received the Painting Revelation award from the São Paulo Association of Art Critics.

In 1997, she participated in the season of projects at Paço das Artes with *Identidades Ameaçadas*, which she also exhibited at Galeria Millan. In 1998, she exhibited *Versos Plásticos* at Galeria Millan.

Since 2000, the solo shows *Mera Esfera Espera Espinho*, presented at the Bahia Museum of Modern Art (Salvador), at the Rio Grande do Sul Museum of Art (Porto Alegre) and at the Correios Cultural Space (Rio de Janeiro), stand ou in 2003, and at Galeria Raquel Arnaud, in 2004; in 2005 she presented *Ouriças* at Estação Pinacoteca (São Paulo).

In 2009, she was part of the exhibition *Libérer L'horizon, Reinventer L'espace* at the Cité Internationale des Arts (Paris), and the video installation *Olódôdô* at the Museum of Modern Art of Bahia (Salvador).

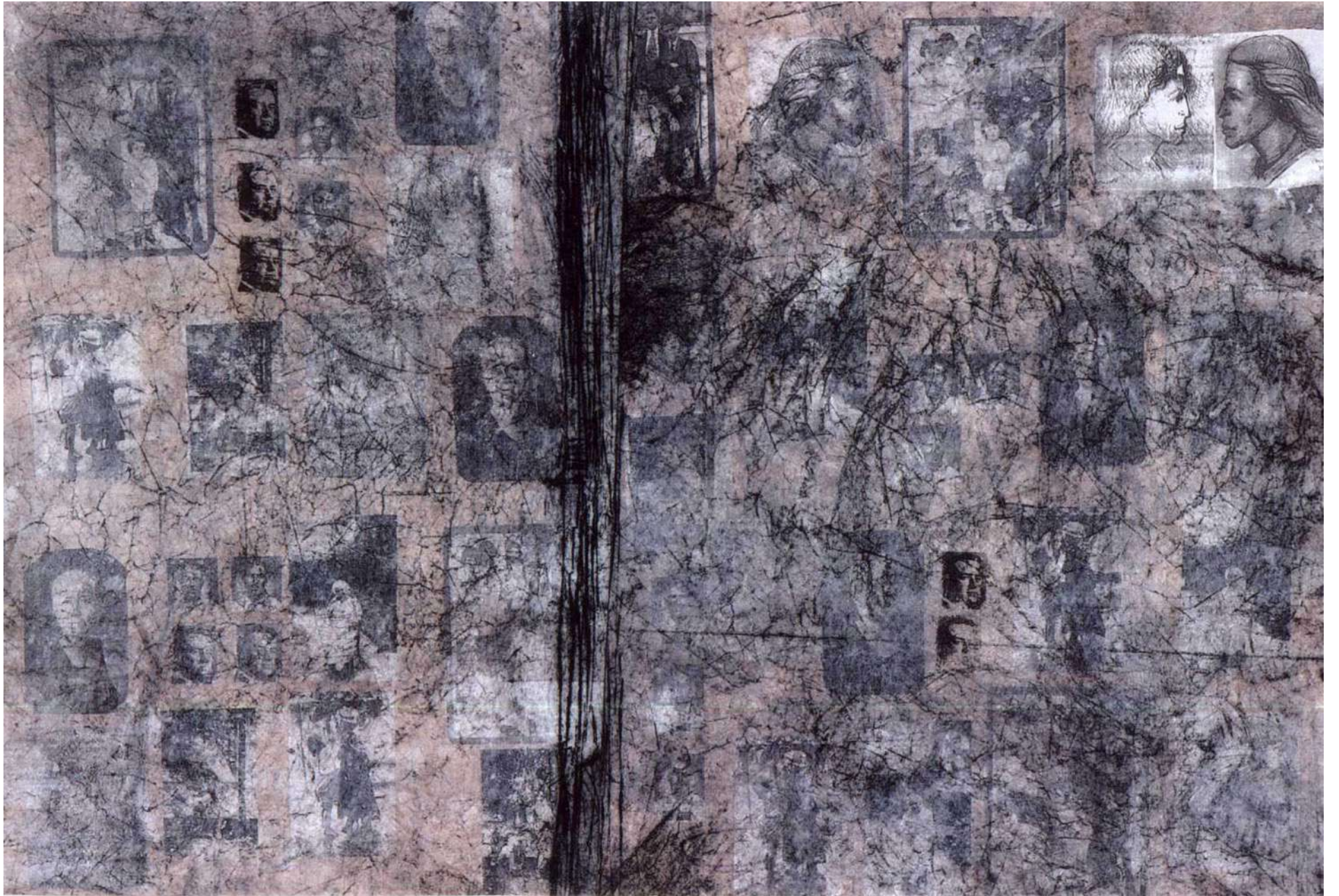
In 2013, she performed the installation *Branco de Si* at Galeria Raquel Arnaud. From 2014, she is part of the group of artists at the Eduardo Fernandes gallery, where in 2016 she exhibited the series *Foi Tão Corpo Que Foi Puro Espírito*. In 2018, she completes book and video art as a post graduate conclusion work at Casa Tombada in São Paulo.

She has also participated in numerous group exhibitions since the 1990's, including *O Traje como Objeto de Arte*, at Palácio das Artes (Belo Horizonte) and at Fundação Calouste Gulbenkian (Lisbon, Portugal), both in 1990; and *Viagens e Identidades* (United Artists V), at Casa das Rosas (São Paulo, 1999).

Between 2000 and 2008, in addition to group exhibitions such as *Ópera Aberta*, at Casa das Rosas (2002), and *Natureza Morta/Still Life*, at the Sesi Art Gallery and at the Niterói Contemporary Art Museum (2004), he was part of *Contemporary Art, uma História em Aberto*, 2004, *Transparências*, 2007, and *Entre o Plano e o Espaço*, 2008, organized by Galeria Raquel Arnaud, *Estratégias do Feminino*, 2019, at Farol Santander in Curitiba.



Série PAINEL, 1997
Vista da instalação do painel
Paço das artes São Paulo





Série Painel, 1997
Paço das artes
Técnica Mista
25 x 25 x 10 cm cada

VERSOS PLÁSTICOS

Franklin Espath Pedroso
Agosto de 1998

Os objetos que Silvia Mecozzi nos apresenta nesta mostra resultam de combinações de técnicas diversas sem deixar à parte seu lado poético.

Alicerçado em seu trabalho no qual envolvia imagens fotográficas com a pintura, o que vimos agora são indícios daquelas técnicas combinadas também à gravura. Só que aqui ela aparta a imagem dos traços num jogo no qual cria diversas camadas separadas entre si mas que compõe uma só peça. Apesar de cada camada ser independente da outra, elas são sobrepostas de maneira a formarem um único corpo.

No fazer destas lâminas é que a artista se utiliza de processos com os quais desgasta a superfície da tinta na pintura, lixa e entalha a placa de acrílico como se estivesse preparando uma matriz numa chapa de metal, insere fragmentos de poesia, desenha e brinca com suas composições como se estivesse montando um quebra-cabeça.

Apesar de toda sua mestria técnica, Silvia Mecozzi não descarta dos aspectos subjetivos da criação, impregnando suas obras de graça e encantamento. Na verdade, esta é a faceta mais importante de seu trabalho, pois é aqui que ela busca reminiscência do passado e as combina com lembranças do presente para criar um novo agora, pleno de liberdade de expressão. O mesmo acontece na utilização de parte ou simplesmente palavras retiradas de poemas as quais são incluídas nestas peças com um apurado pensamento plástico.

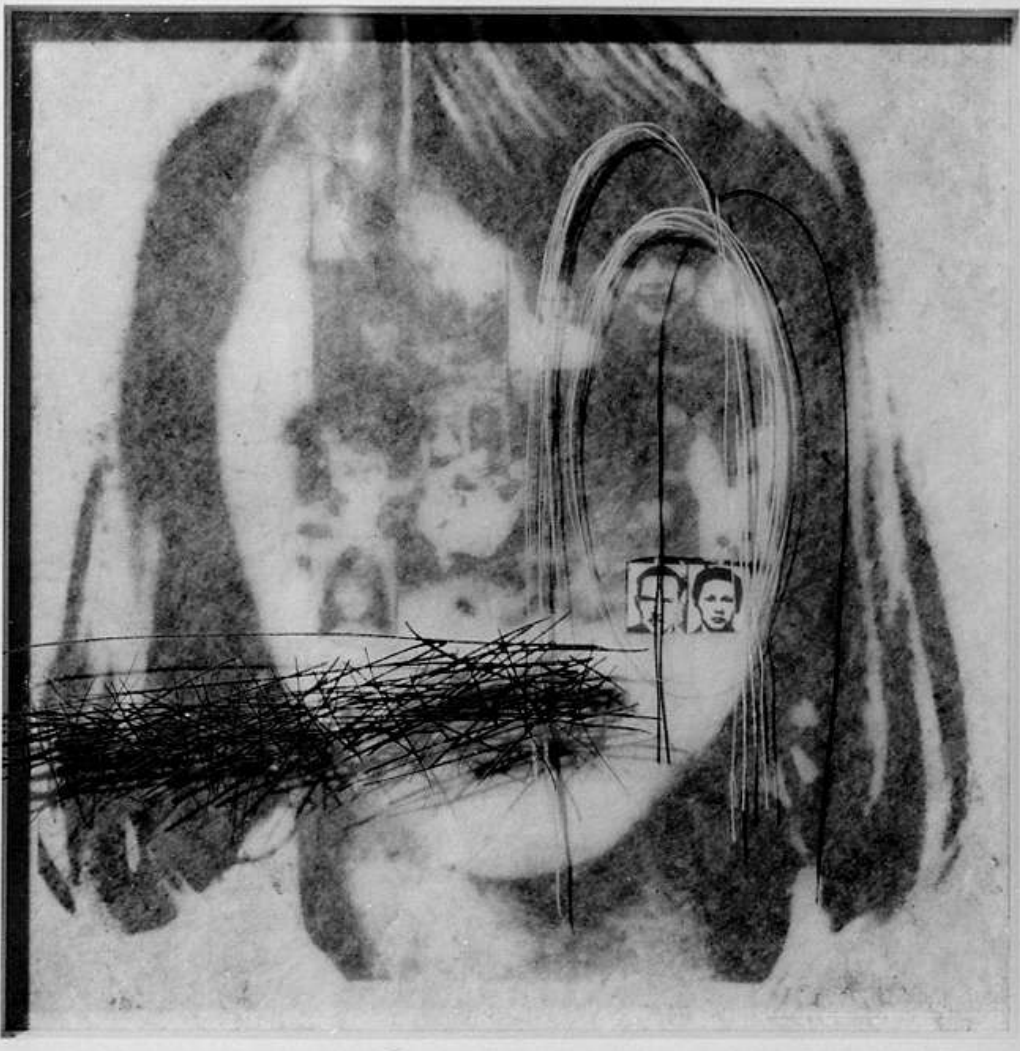
São trabalhos que seduzem e encantam, fazendo com que o observador vagueie pelo universo da artista fruindo com idêntico prazer tanto dos estímulos à razão quanto ao coração.



Série VERSOS PLASTICOS, 1997
Técnica Mista
50 x 50 x 10 cm



Série VERSOS PLASTICOS, 1998
Técnica Mista
100 x 100 x 10 cm



Série VERSOS PLASTICOS, 1998
Técnica Mista
50 x 50 x 1 cm cada



Série VERSOS PLASTICOS, 1998
Técnica Mista
100 x 100 x 10cm
Doação Pinacoteca do Estado de São Paulo



Capela do morumbi, 1998



Ouriças, 2005 | Instalação | Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo



OURIÇAS

Angélica de Moraes
Maio de 2005

Não há possibilidade de alguém apenas olhar a instalação que preside esta mostra individual de Silvia Mecozzi. As superfícies, embora eriçadas de pontas, são macias e chamam o toque, pedem o contato com suas epidermes peludas. Antes de visuais, elas são táteis. É pelo tato que elas nos remetem à dimensão metafórica.

Ao entrar nesse corredor de paredes convergentes, que vão se estreitando na medida em que penetramos nele, sentimos escorregar nas entranhas de um corpo. Há aí um canal desejante. Ou, ainda, há o espaço entre dois corpos que se atraem e seduzem. A sedução se irradia para a visualidade e esta novamente para o toque, como no jogo amoroso.

Vulneráveis, acessíveis, essas superfícies se organizam em oposições de preto e branco. Alteridades. Masculino e feminino. O outro como vértice e alvo de quem deseja. Linhas paralelas que se aproximam mas que jamais estarão completamente unidas. A morfologia do trabalho não poderia ser mais nítida para a demonstração dos propósitos da artista.

Os tubos/fios de plástico têm seu caráter industrial e asséptico totalmente subvertidos e reconfigurados em eloqüentes índices do orgânico. Assumem outra natureza. São agora pelos agigantados, vistos por lente de aumento que desvenda intimidades. Estão sob observação estreita, próxima, quase sufocante, na busca da mínima distância que chamamos desejo.

Trata-se de descobrir e vivenciar o que, afinal, anima e justifica essas anatomias. Há aí Física e Biologia misturadas. Há arrepio de corrente elétrica entre dois polos opostos, que se descobrem complementares. É algo quase à flor da pele. É o músculo e a enervação que, na base de cada um desses fios, anuncia e configura a ação ou o repouso. Fluxo e refluxo. Ciclo da vida.

A sutileza da vivência sensorial proposta por Silvia Mecozzi, o discurso subjacente a seu trabalho, está a anos-luz da cultura do *excesso do gozo*, que tão bem aponta o psicanalista francês Charles Melman. Não há aqui banalização da sensualidade nem apagamento do desejo pela apropriação consumista dele. Há, sim, uma cuidadosa observação que preserva e busca ampliar a percepção ontológica, a dimensão essencial do assunto.

Ao invés do que Melman denomina de “nova economia psíquica”, organizada pela exibição do prazer e do sexo como simples atividade corporal ou performance atlética, a artista tenta recuperar a transcendência do encontro amoroso.

Para além dos conteúdos poéticos, esta exposição evidencia a vocação gráfica da autora. É isto que ressoa tanto nos traços/fios/pelos da instalação de entrada quanto na série de trabalhos perfilados na parede seguinte. Sulcados no acrílico transparente com o mesmo gesto que costuma animar a incisão de imagens nas matrizes de cobre da gravura em metal, esses trabalhos costuram os dois momentos da exposição. Reúnem o grafismo tornado tridimensional e o grafismo tornado transparência, ambos expansões da tradição planar da gravura.

Esta mostra reúne, assim, tanto o trabalho que pede um deslocamento diante e através dele – ocasião em que as linhas se alongam, agrupam e expandem, armando-se e desarmando-se em configurações que correspondem ao movimento do expectador diante delas – como na série de trabalhos menores, retangulares e fixados à parede, em que o deslocamento fica quase resumido ao foco do olho, à dimensão das diversas profundidades perceptíveis de uma determinada janela ou moldura, que recorta e determina a separação entre realidade e discurso artístico.

Na técnica da ponta seca, com desenhos feitos de ranhuras e sulcos, a série de trabalhos se beneficia do meio escolhido pela artista, que permite explicitar e arejar no espaço, na sobreposição de planos, o que na gravura tradicional é soma de transparências virtuais reunidas em uma só superfície. Ela liberta o traço das densas opacidades da gravura e o lança no ar. Justapõe grafismos para atingir outra forma de percebê-los. Aplica aí a mesma operação, de delicada desconstrução analítica, utilizada para criar a instalação de linhas mutáveis, que incorpora e interage com nosso movimento.

Silvia Mecozzi propõe um olhar amoroso que não se encerra na posse fugaz. Busca a permanência possível dos encontros, vistos como conjugação de epidermes tentando atingir dimensões impalpáveis, amplificadoras de nosso estar no mundo.

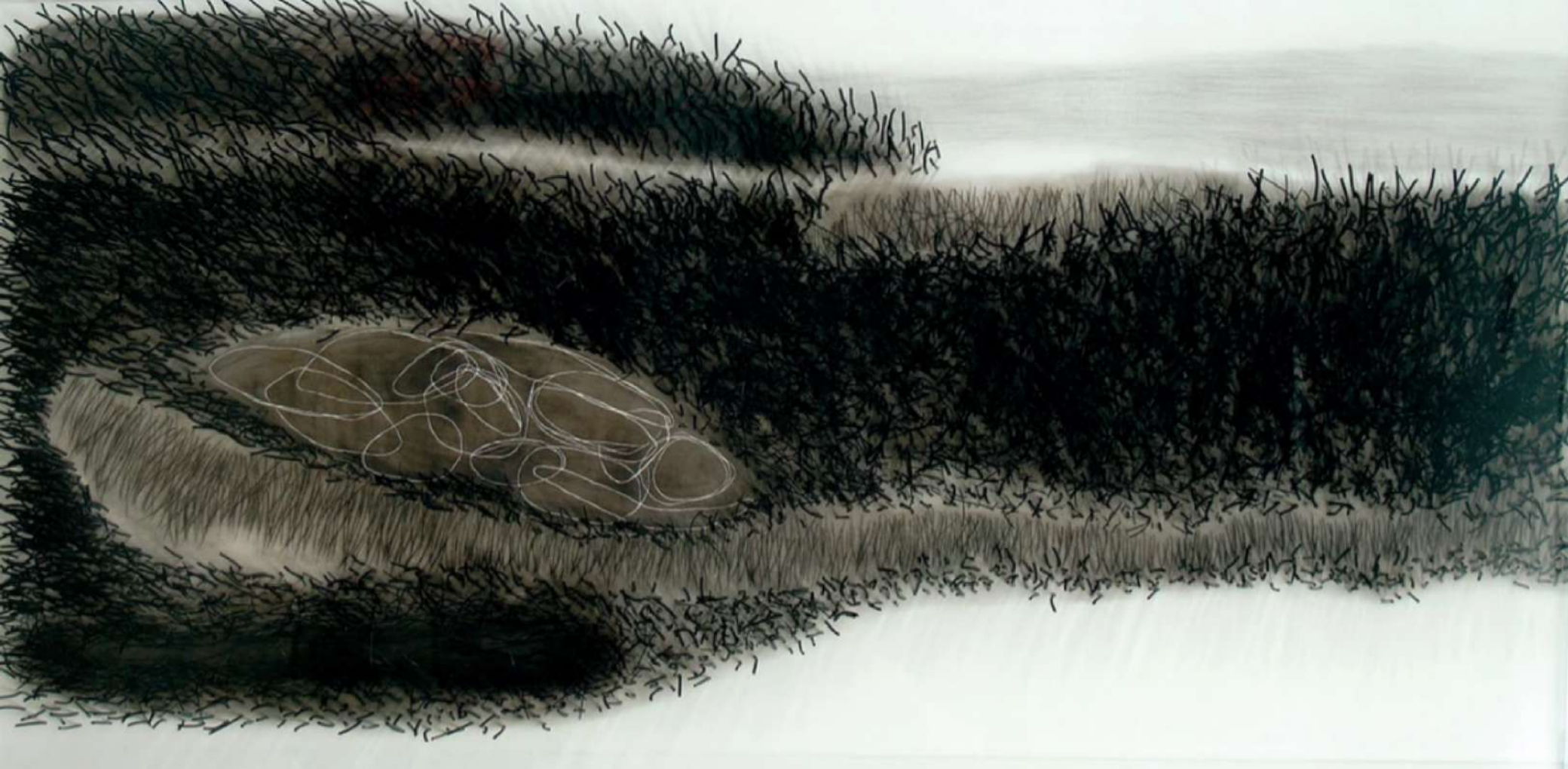








Instalação Ouriças, 2005
3 x 15m
Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo



Série Ouriças, 2006
100 x 200 x 10 cm

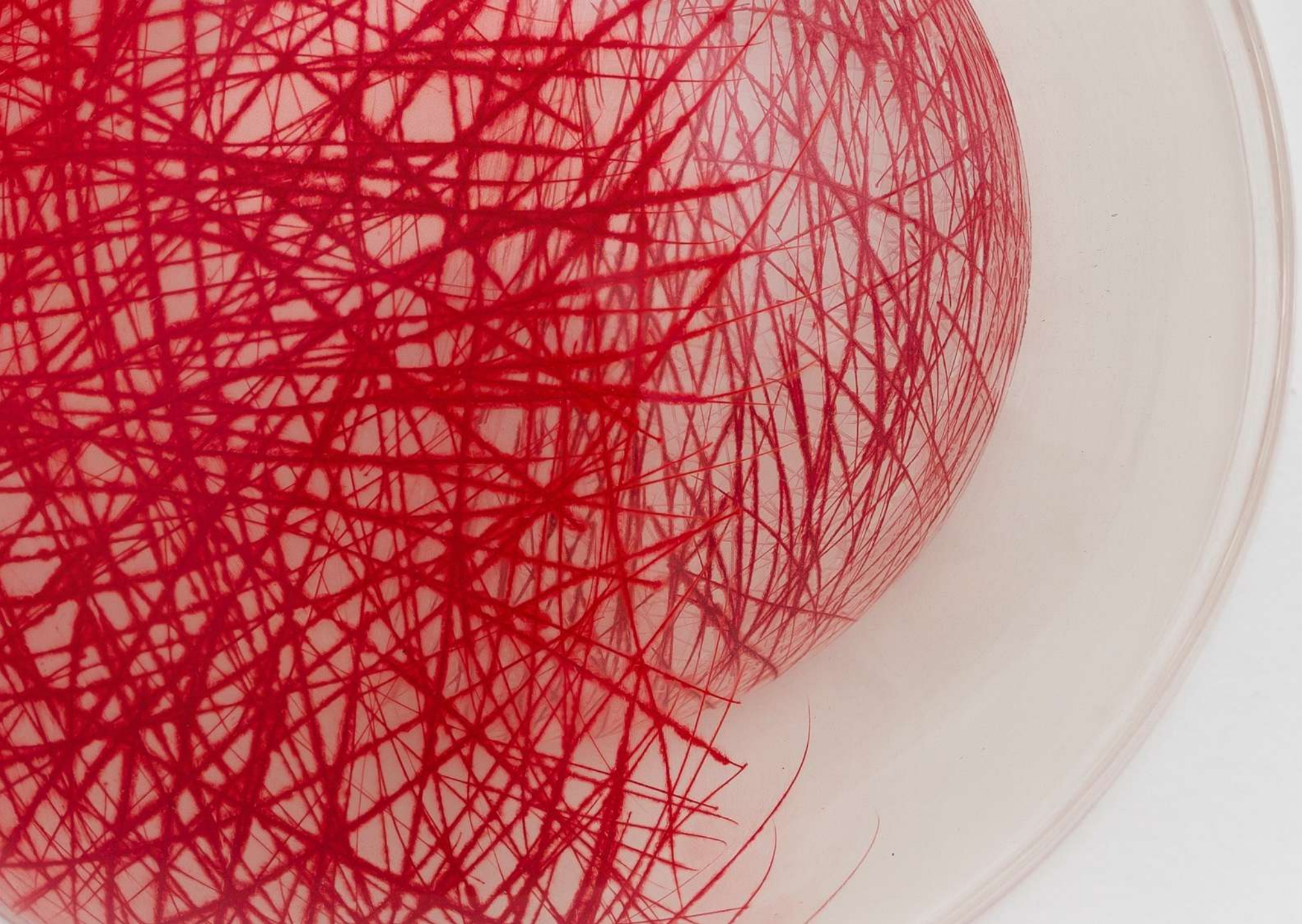


Série ECHINODISCUS

“Essa serie é um desdobramento da série *Silenciosas*. Ambas partiram da prática da gravura onde a construção de imagens se dá pelo acumulo de linhas. Aqui as linhas vão pro espaço, originando corpos misteriosos que evocam uma pulsante vida interior”. – Silvia Mecozzi



Série ECHINODISCUS, 2006
Ponta seca sobre acrílico | 25cm ø

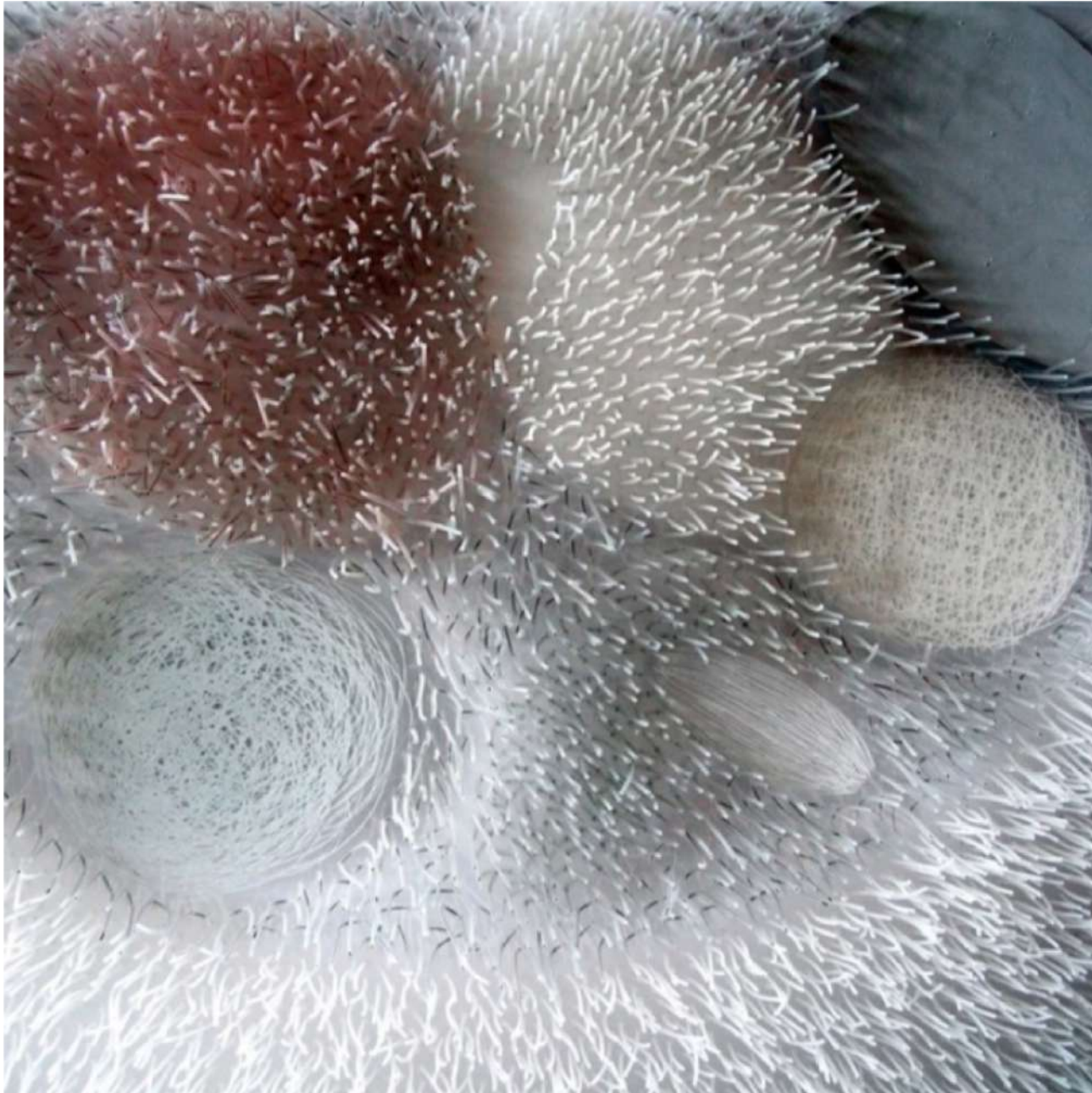




Série "echinodiscus", 2008
Ponta seca sobre acrílico | 25cm ø



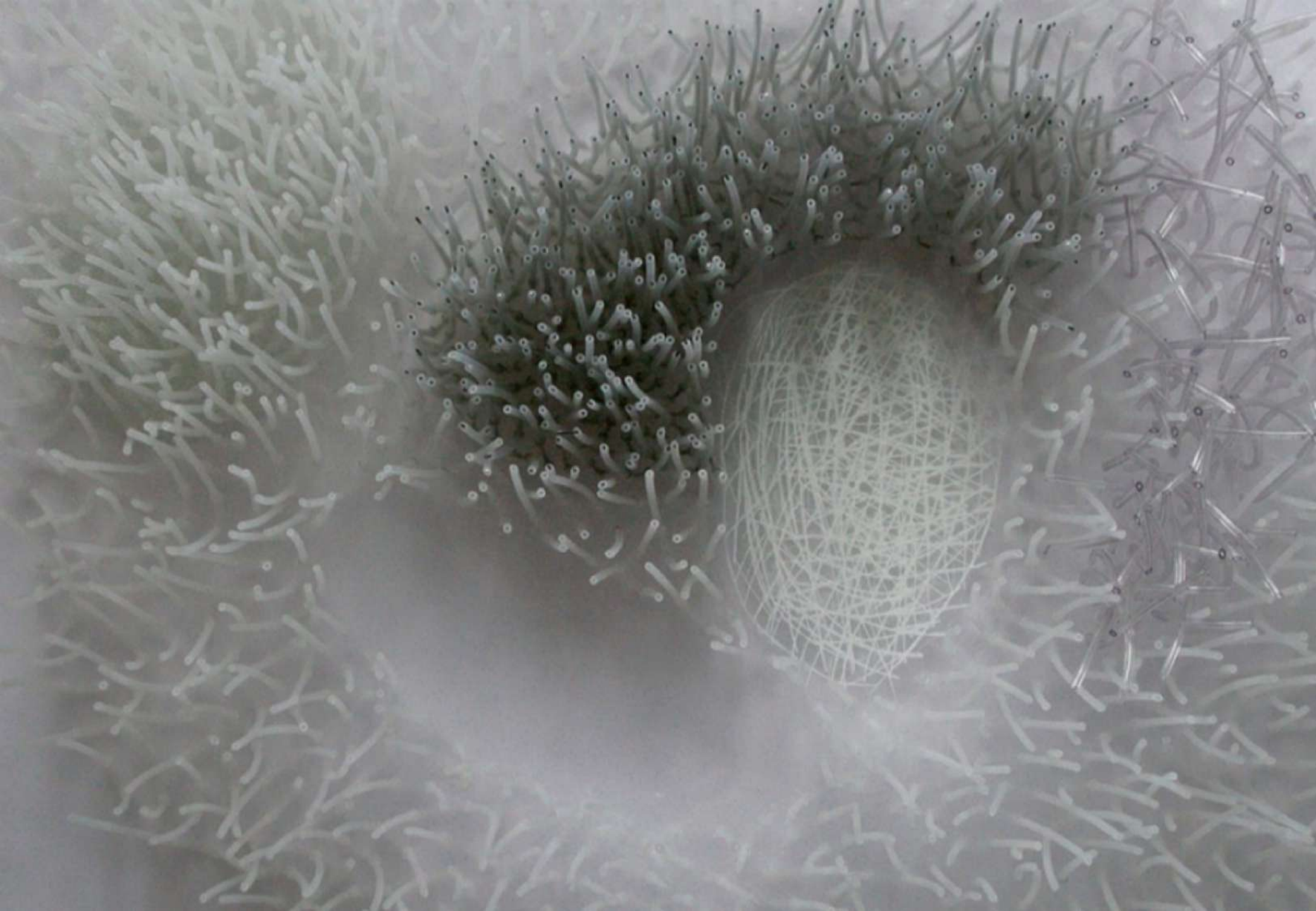
Série Silenciosas, 2008
200 x 200 cm



Série Silenciosas, 2009
Detalhe



Série Silenciosas, 2009
50 x 50 x 10 cm





Pequenos fragmentos de textos de Galáxias de Haroldo de Campos, cerâmica - 10cm ø | Cité des Arts, 2009



Pequenos fragmentos de textos de Galáxias de Haroldo de Campos, cerâmica | Cité des Arts, 2009



OLÓDÒDÓ

Solange Farkas
Diretora Museu de arte Moderna da Bahia

Outubro de 2009

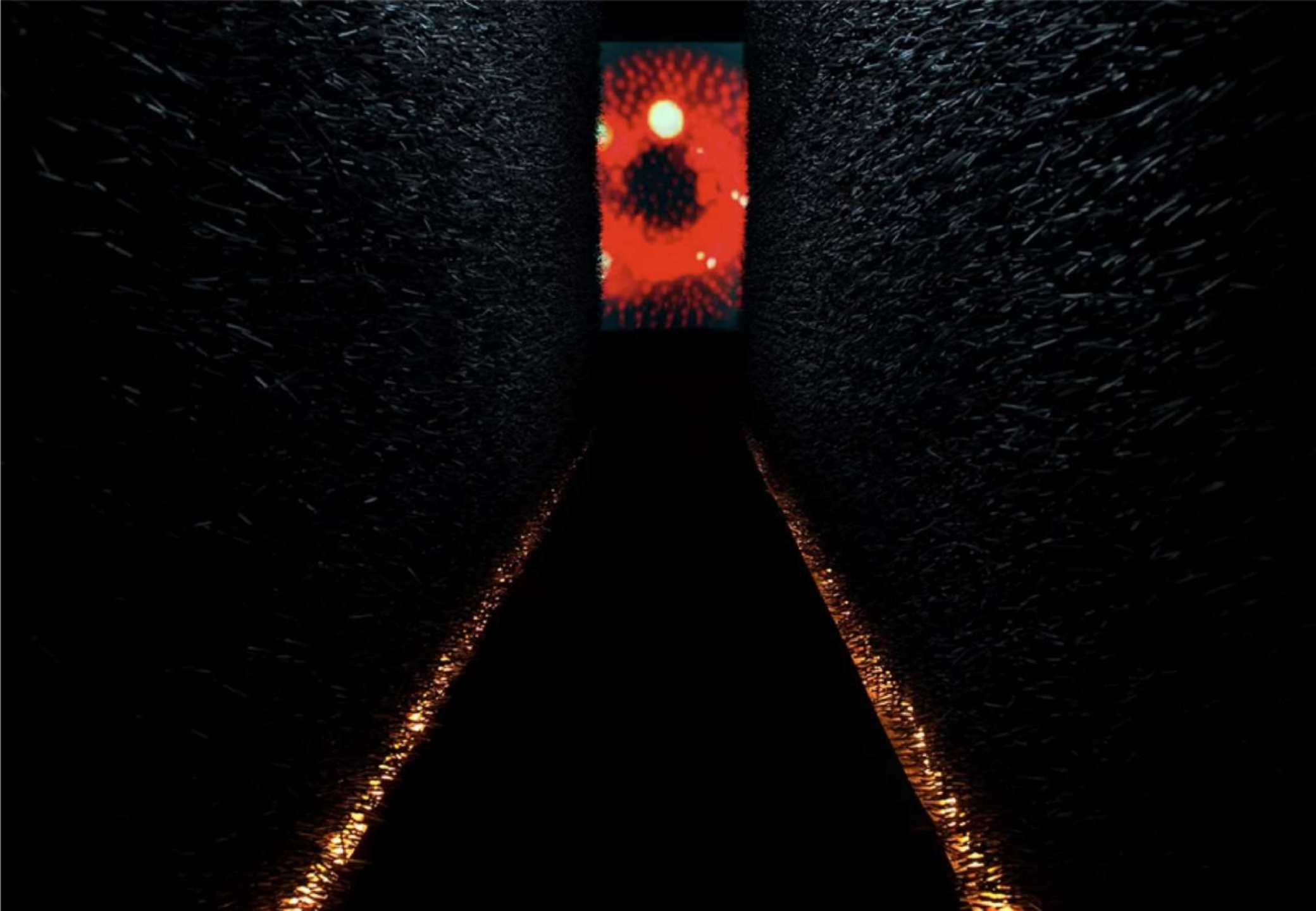
Há uma linha que conecta distintos campos, distintos espaços, que é o ponto de partida da obra de Silvia Mecozzi. Esta linha nasce no papel, parte da gravura, e transcende a superfície bidimensional onde estava inscrita rumo ao espaço, como um percurso investigativo a ser vivenciado, trajetória do descobrir-se que anima a relação entre a obra e o espectador.

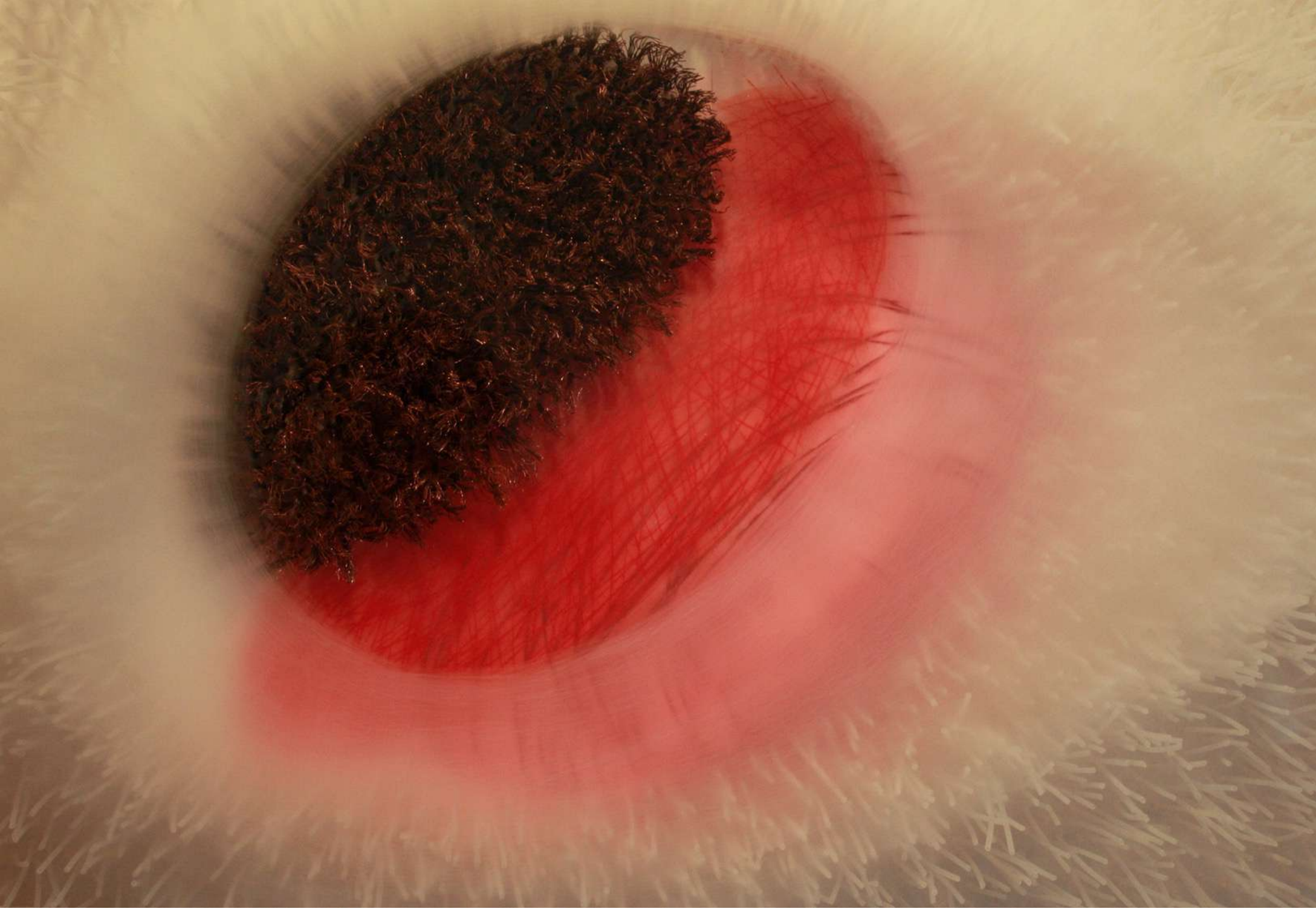
Em Olódòdó (que em iorubá significa flor escarlate) percebemos um diálogo transversal entre a arte e a ciência, que aqui se contaminam e transformam-se mutuamente.

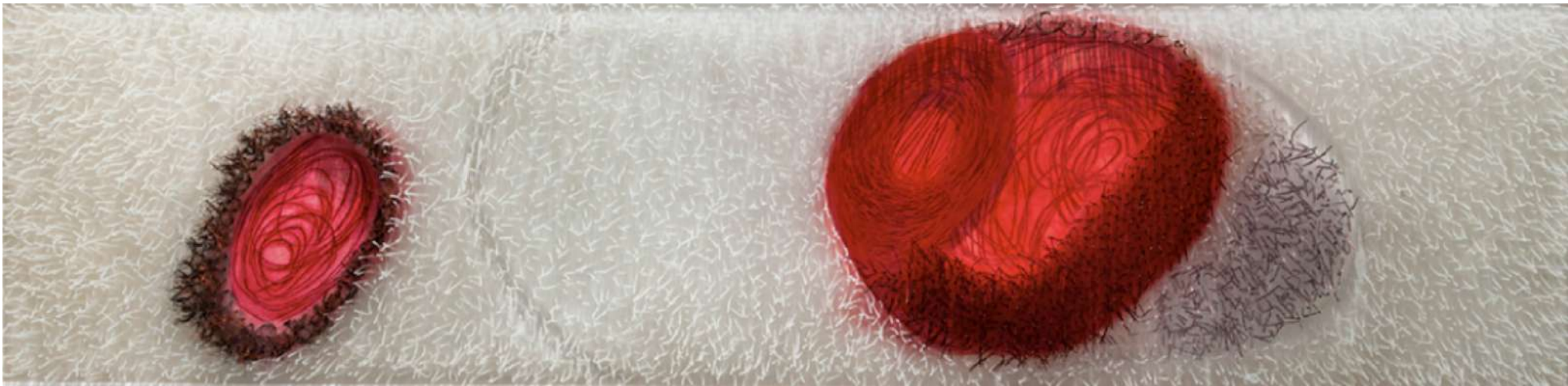
Essa troca permite articular modos de olhar, experiências, reflexões e questionamentos em relação ao indivíduo a obra e seu entorno. Pois Silvia Mecozzi parte da gênese, do princípio - o ponto, e sua repetição, a linha - gerando caminhos traçados que nos convidam a interagir com a obra. A sensualidade latente, advinda da organicidade de suas formas, em contraponto à aparente frieza dos materiais utilizados em suas obras tridimensionais, permite não apenas extrapolarmos nossa condição de fruidor passivo, mas questionarmos a própria condição da obra e sua relação com o corpo humano.

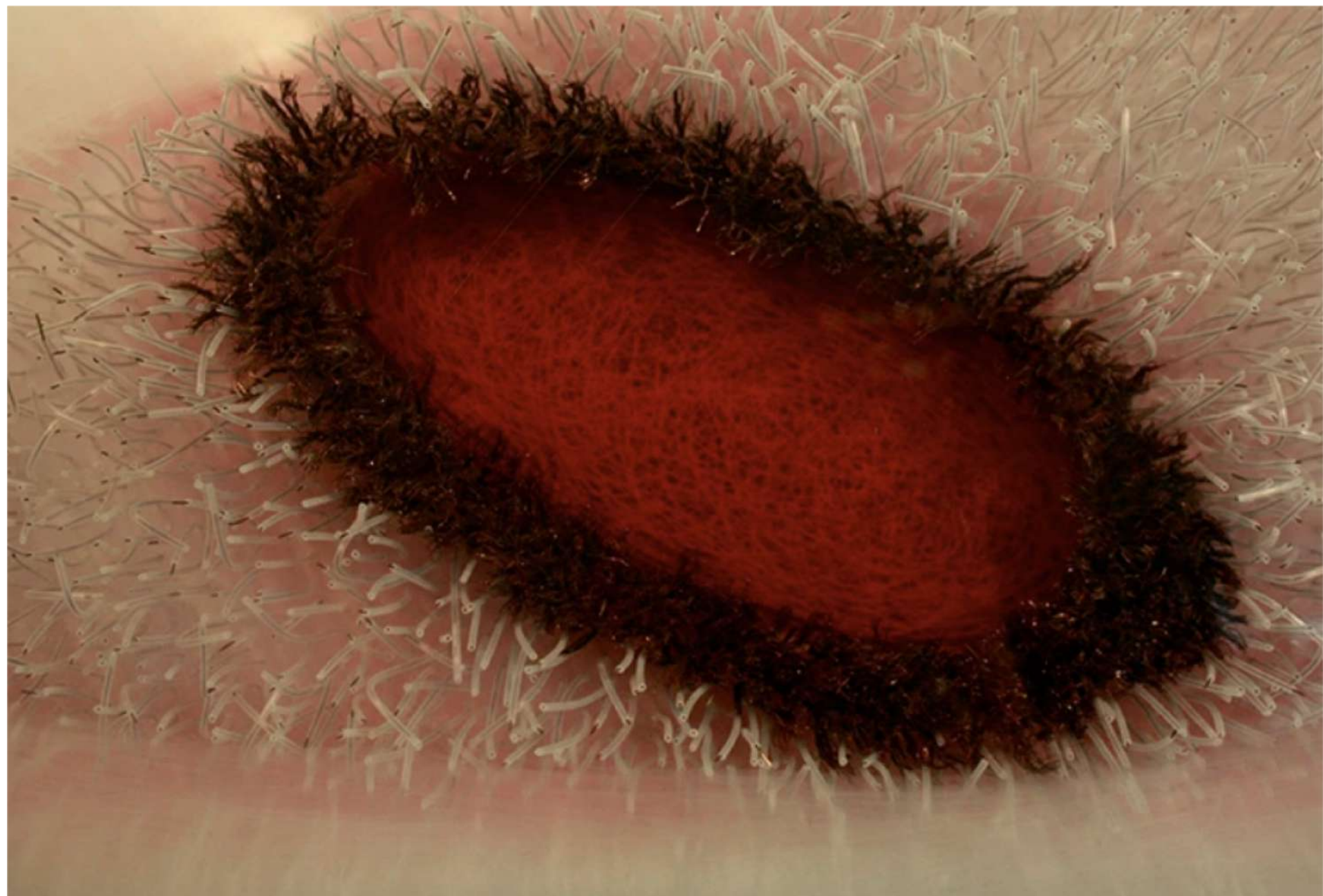
A instalação aqui apresentada - primeira experiência da artista com o vídeo - potencializa e dá forma a estes questionamentos. Puro movimento em silenciosa e lenta transformação. A linha aqui é transformada em caminho que emana a delicada potência latente do vir a ser, daquilo que pulsa, ainda em gestação, mas que está prestes a eclodir.

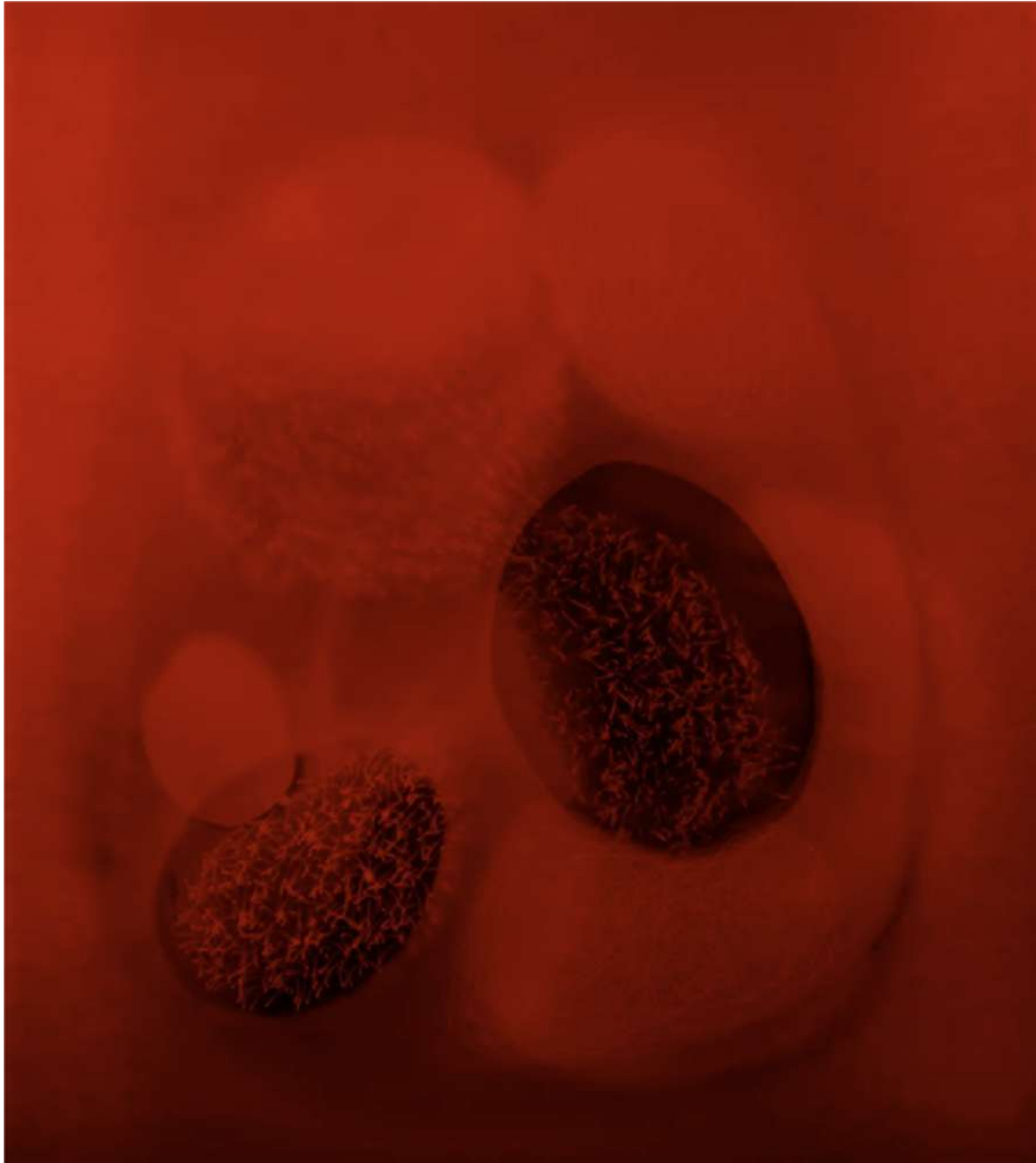
Angélica de Moraes, em texto de apresentação à exposição da artista na Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo, compara a obra de Silvia Mecozzi ao jogo amoroso, ao possibilitar o jogo de atração e sedução entre corpos, entre o espectador e a obra, tornando evidente o canal desejante Aceitemos, pois, o convite ao jogo e penetremos neste mundo orgânico e escarlate que é Olódòdó. Lá, onde as coisas se tocam...



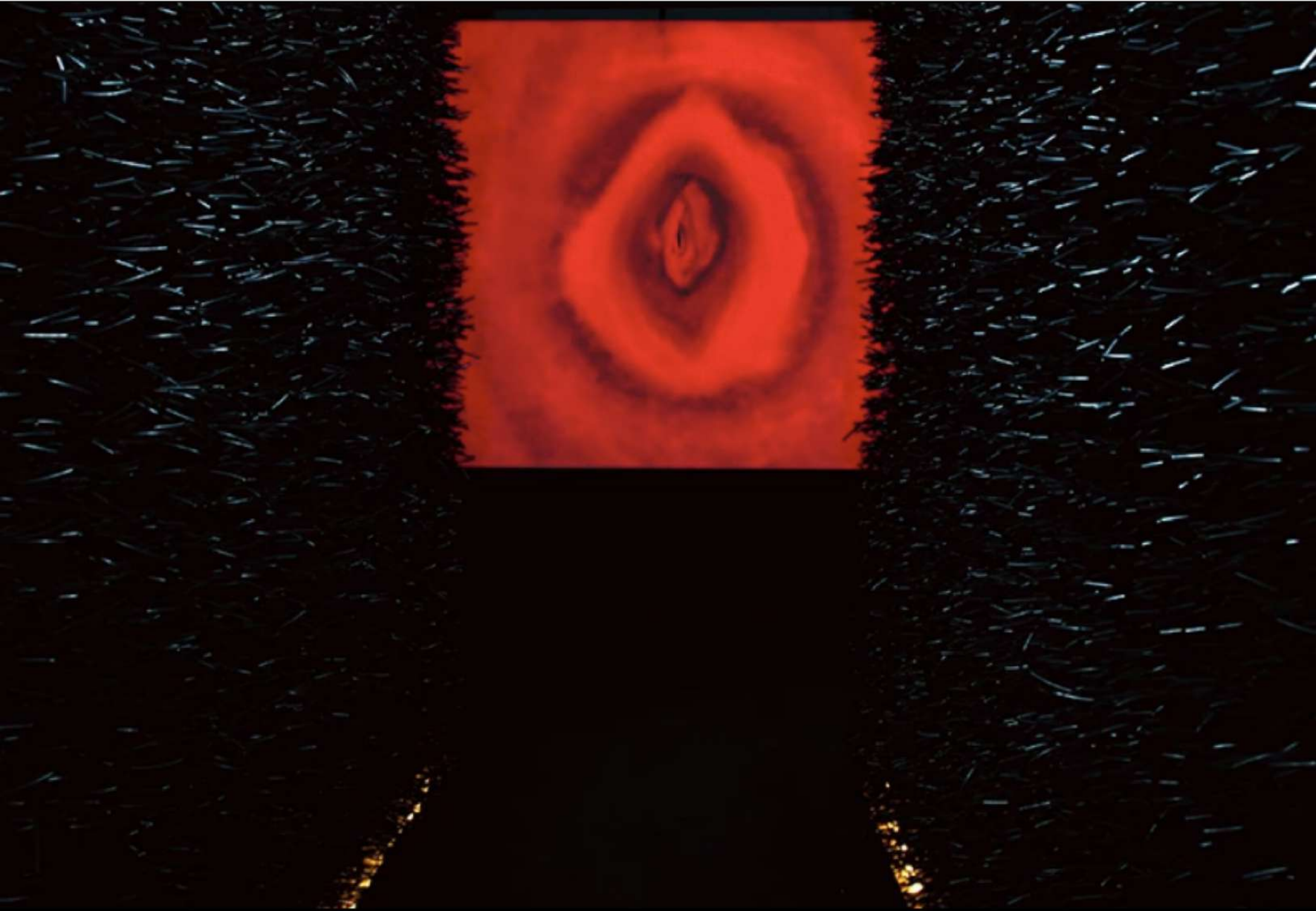


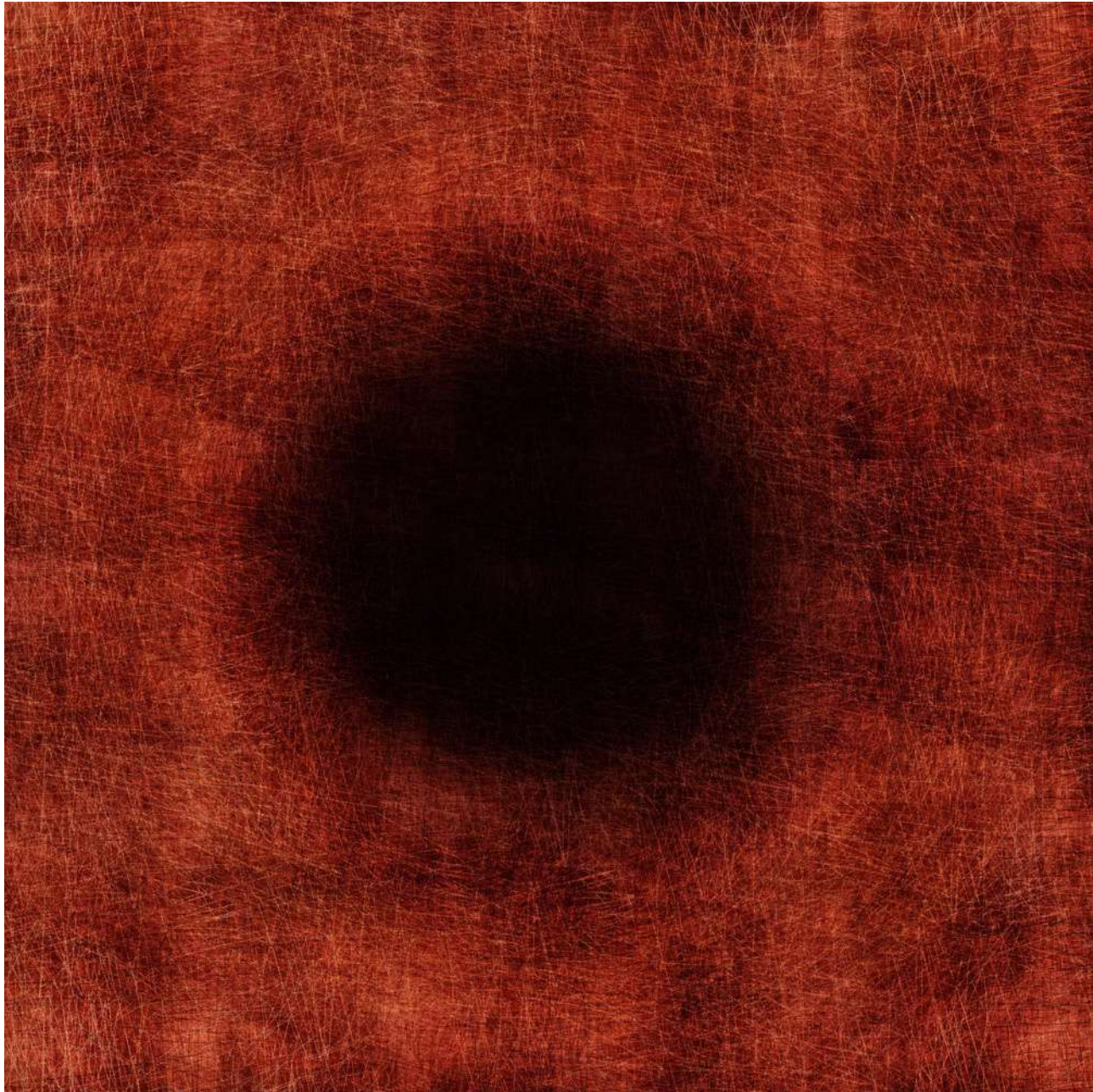






Olódódó, fotograma





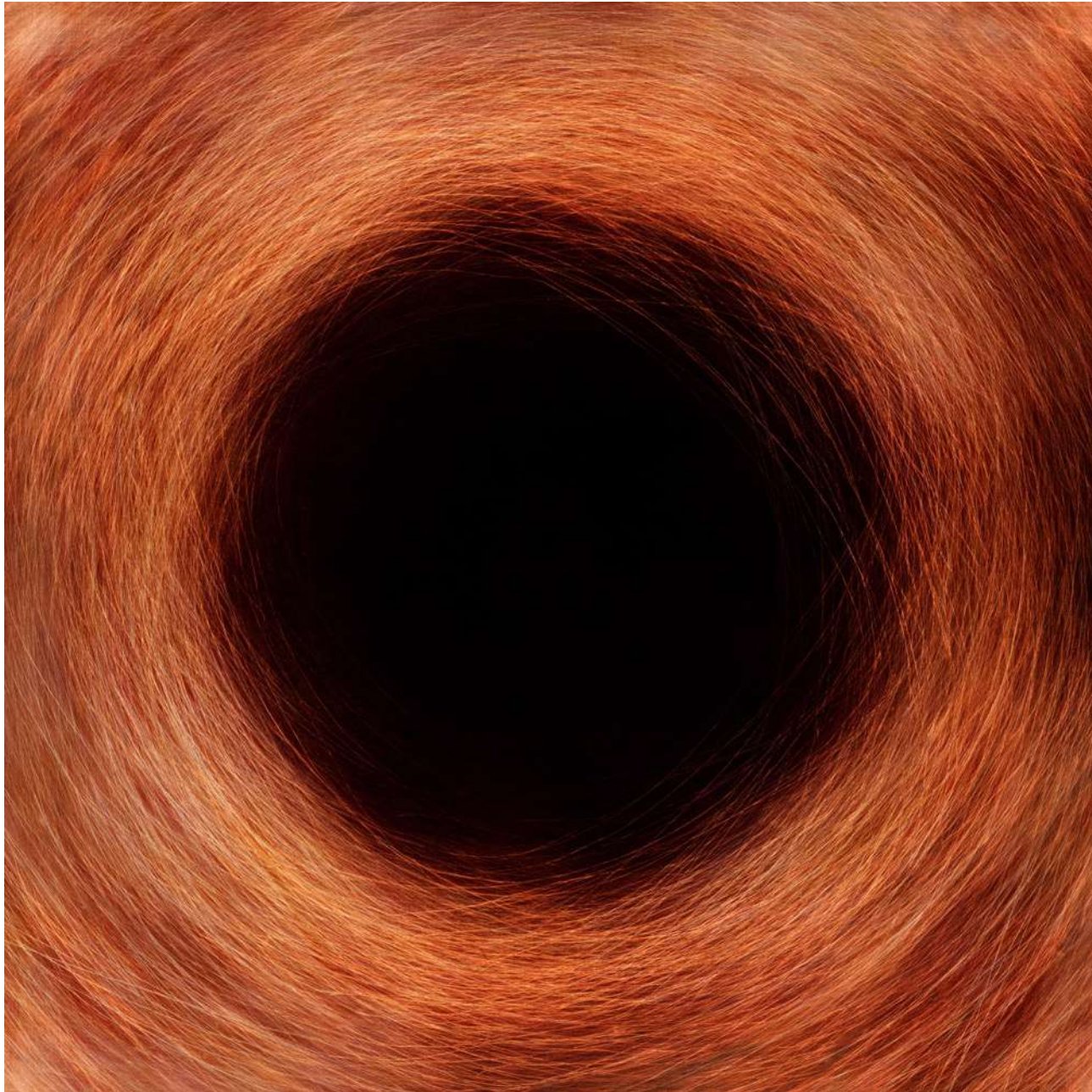
Série LOKAS, 2009
Jato de tinta sobre papel de algodão
90 x 90 cm | Ed. de 3



Série LOKAS, 2009
Jato de tinta sobre papel de algodão
90 x 90 cm | Ed. de 3



Série LOKAS, 2009
Jato de tinta sobre papel de algodão
90 x 90 cm | Ed. de 3



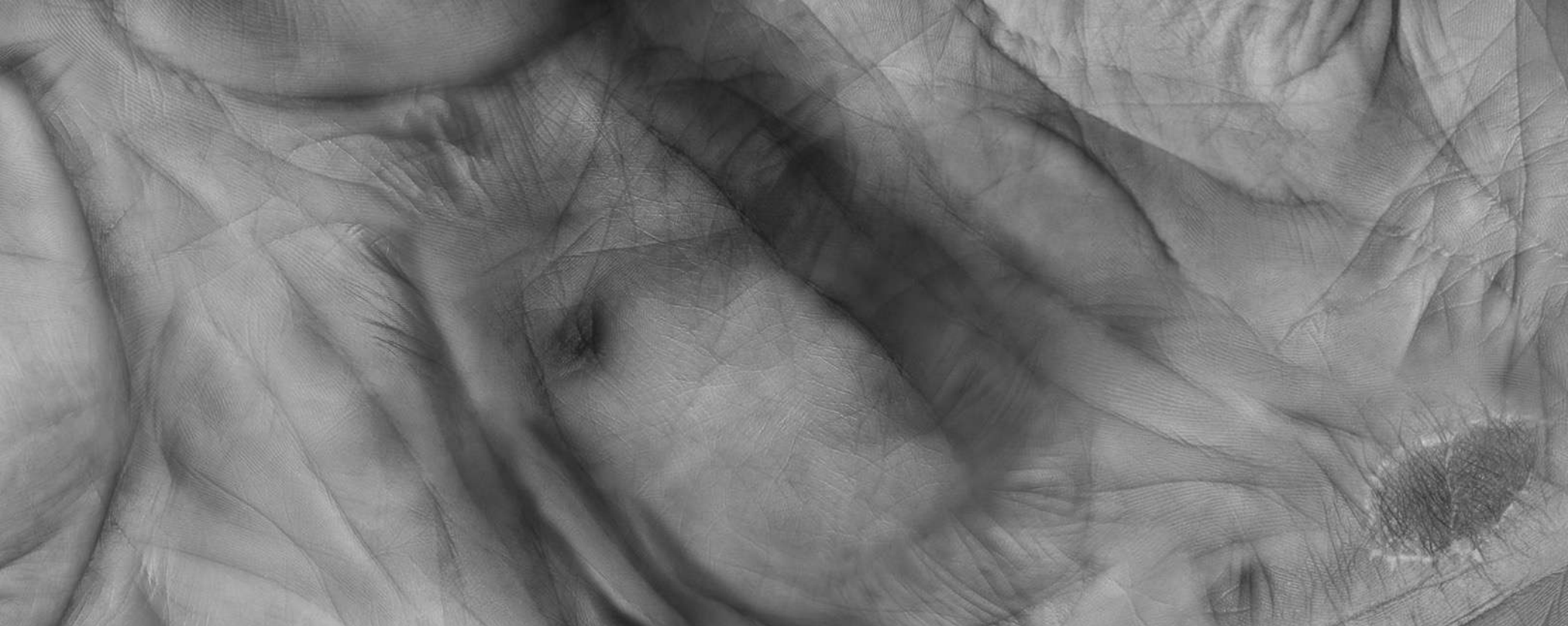
Série LOKAS, 2009
Jato de tinta sobre papel de algodão
90 x 90 cm | Ed. de 3



Semente, 2015
Aço cortem | 600 x 200 x 200 cm
Uberlândia



Semente, 2015
Aço cortem | 600 x 200 x 200 cm
Uberlândia



Arte é experiência vivida que se transmuta em linguagem.

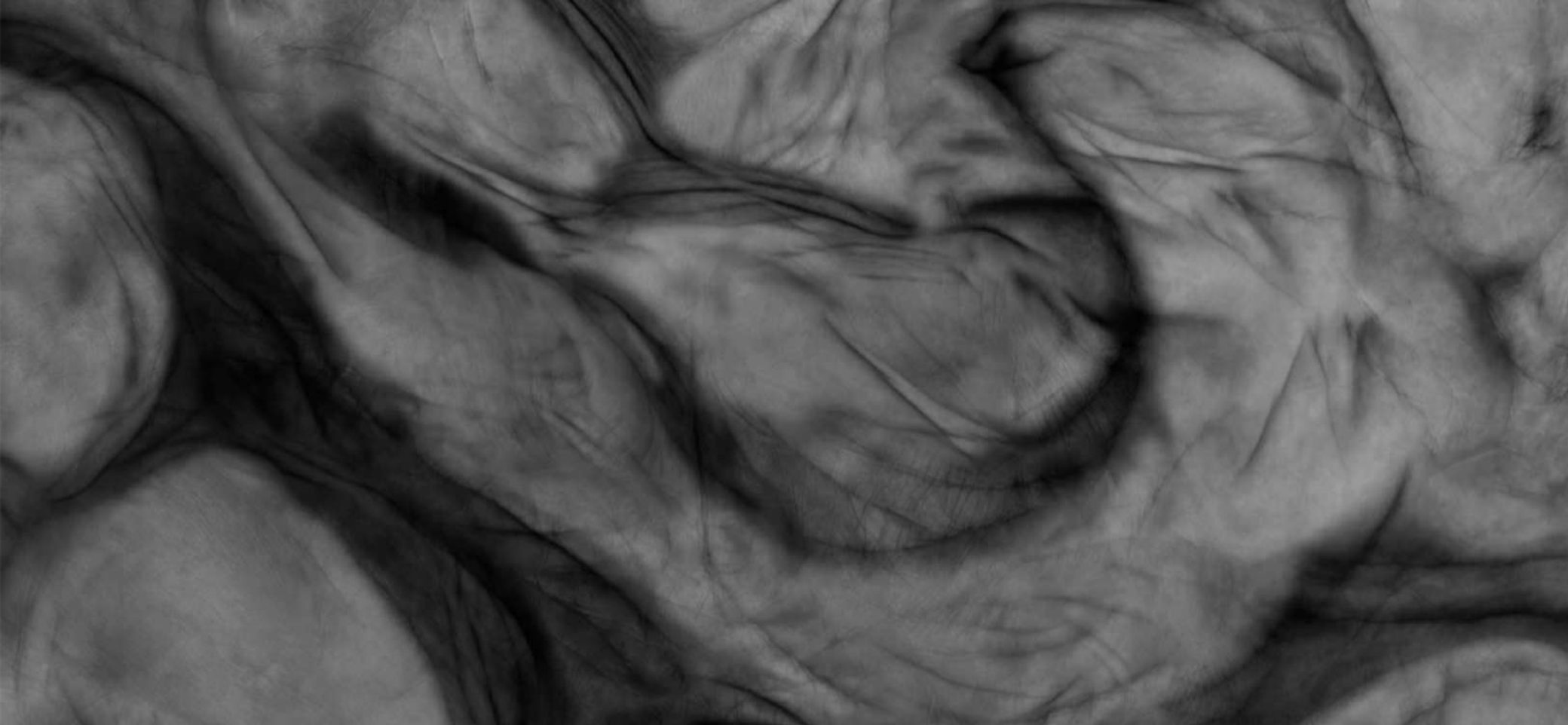
“Deserto das p_almas surgiu da necessidade de comentar nossas relações afetivas, nossa similaridade enquanto espécie humana e nossa singularidade enquanto indivíduo.

Utilizei a fotografia como suporte e foquei as palmas das mãos de pessoas queridas. A captação das imagens produziu encontros, conversas, proximidade. O que me interessou num primeiro momento foram os desenhos das linhas que são gravadas nas mãos durante nossa existência e seu significado de detentoras dos nossos segredos e destinos. Com as linhas vieram os relevos da pele, superfície nutritiva dos outros sentidos, limite do corpo com o mundo.

Manipulando as imagens/matrizes descontextualizadas de seu lugar e em escala ampliada, a superfície construída se converteu em paisagem/corpo, topografia que associei a desertos - deserto como inspirador de ancestralidade, de fronteiras dissolvidas, zona entre o consciente e o inconsciente, território mutante, como nós mesmos o somos, constantemente atravessados e afetados pelo outro, pelo que está fora de nós e nos transforma” - Silvia Mecozzi



Deserto das almas, 2009/2013
Jato de tinta s/papel



Deserto das almas, 2009/2013
Jato de tinta s/papel



Deserto das almas, 2009/2013
Jato de tinta s/papel

BRANCO DE SI

Yuri Fomin Quevedo
Agosto de 2013

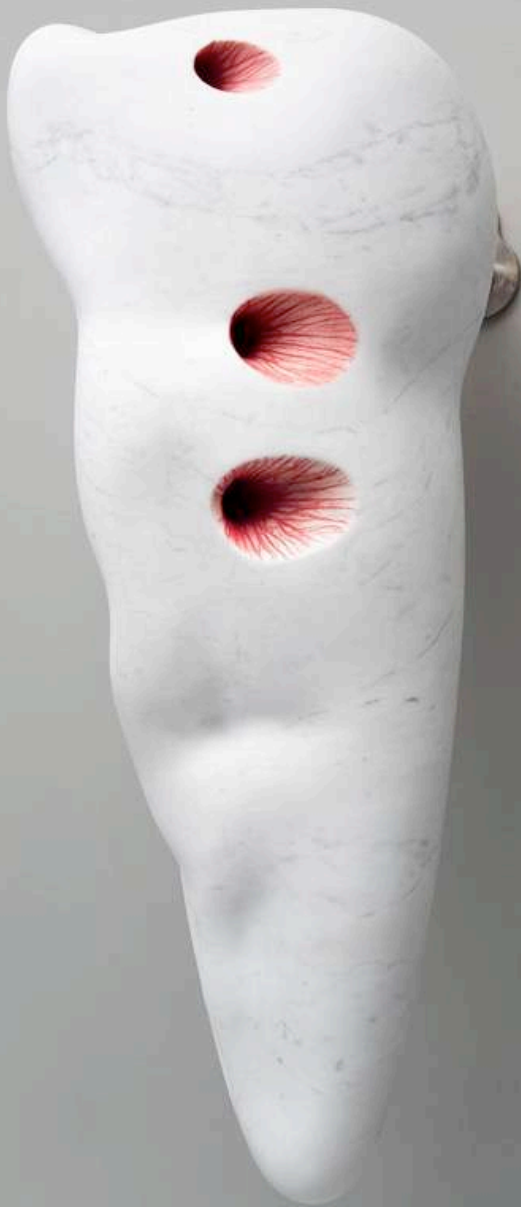
Conta-se que Paolo Ucello, no trezentos renascentista, ao ser convidado por sua mulher a ir deitar-se com ela, exclamou “Oh que coisa doce essa perspectiva!”, e, nessa frase, com o engenho da mente, organizou seu cotidiano como fazia em suas composições: a perspectiva não só como o tempo ideal, onde o desenrolar das ações humanas lhe conferia visão acurada sobre um futuro promissor, mas também como espaço que abriga o gesto, lugar da narrativa histórica.

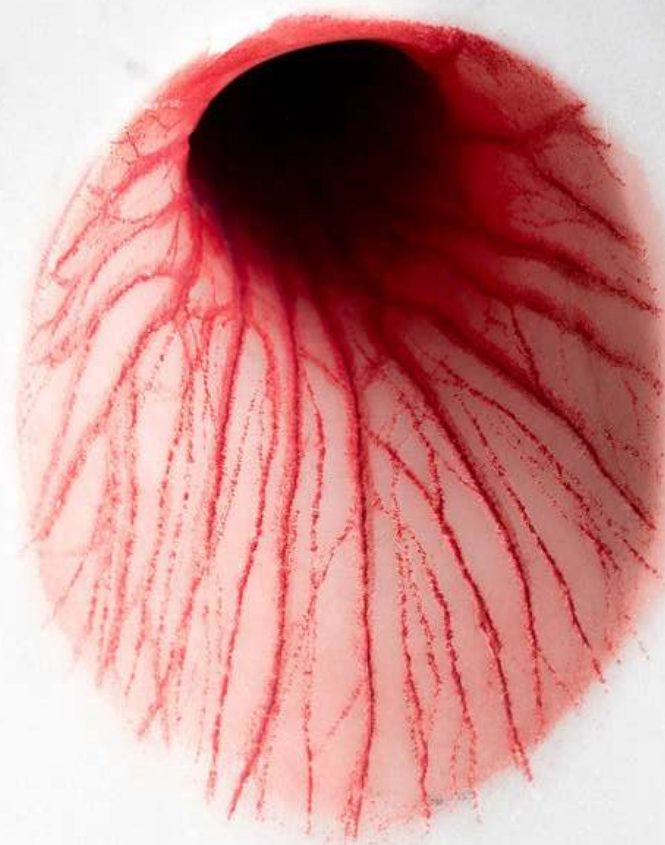
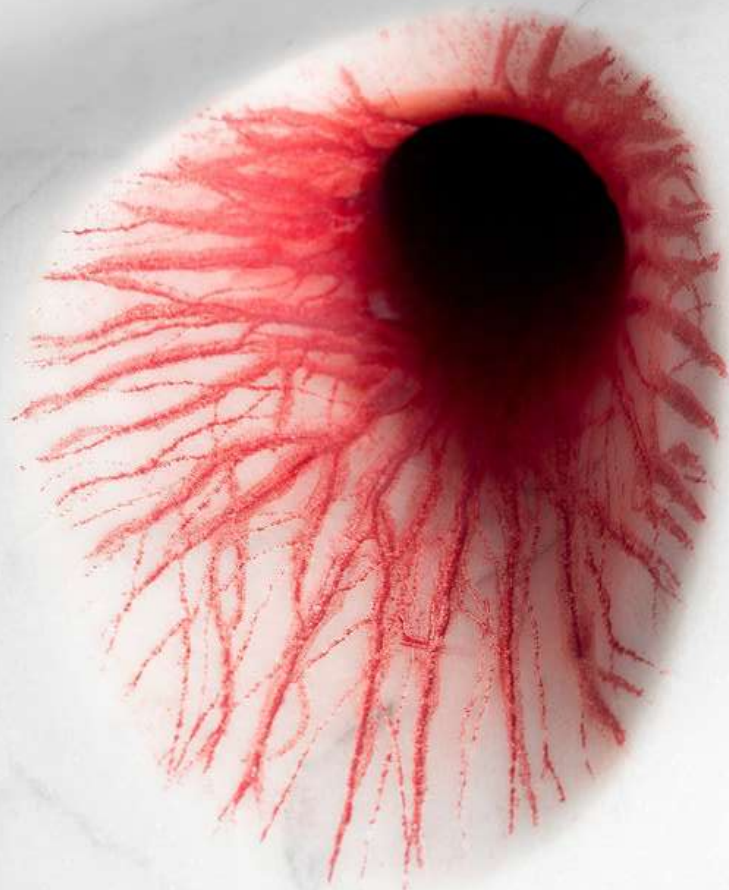
O trabalho de Silvia Mecozzi registra as palmas das mãos e depois esculpe suas linhas no mármore, criando relevos. Primeiramente são fotos, em preto e branco, que, ampliadas, mostram o tecido do corpo de forma franca e devassada. Depois esse tecido é depositado sobre placas de pedra por meio de um cinzel elétrico. A artista grava as linhas das mãos e reconstitui no branco as qualidades de um corpo; são planícies e depressões suaves impressas na plasticidade do mármore. A pedra recebe bem esses sulcos, mostrando-os como parte de si. Contido nessa ação, está o olhar de quem avista a terra depois de ter estudado o mapa. Conhecendo aquelas linhas bidimensionais, se aventura na construção dos vales e platôs reais, enfrentando o material de sua pele e o mármore.

Nesse embate, revelam-se as manchas e veios constituintes da pedra como na descrição de uma paisagem. Restritas ao quadrado, deixam de ser mãos e passam a aridez de uma terra não explorada. O branco e o cinza do mármore, seu brilho, e os sulcos que o trabalho fez nele, são agora matéria etérea e sensual, provocando-nos a perguntar sobre a luz que incide sobre eles e não mais sobre como são feitos. Esses elementos guardam em si seu próprio segredo, e a relação entre eles parece ocultar uma história de relações que se expressa no relevo de um deserto.

Mas são palmas, e o espaço que se cria é o do próprio corpo. São marcas distintivas que, neste trabalho, carregam a crença de que nos podem revelar o futuro e dizer sobre quem somos. Diferente dos esquemas renascentistas, a imagem que se obtém não pode ser mensurada, esquadrihada e revelada, ela encerra seu próprio segredo no gesto que a faz. Esculpir, criando com as mãos a paisagem do corpo - e também a do gesto - nos faz ver um espaço branco e infinito, não mais palco do desenvolvimento histórico. O corpo se faz ali, topografia de onde se pode avistar seu território íntimo. Enquanto o gesto que constitui o trabalho se esvanece na beleza do material, surge o deserto das palmas. Espaço do afeto, não da história. Fronteira daquilo que cada corpo sabe de si mesmo.











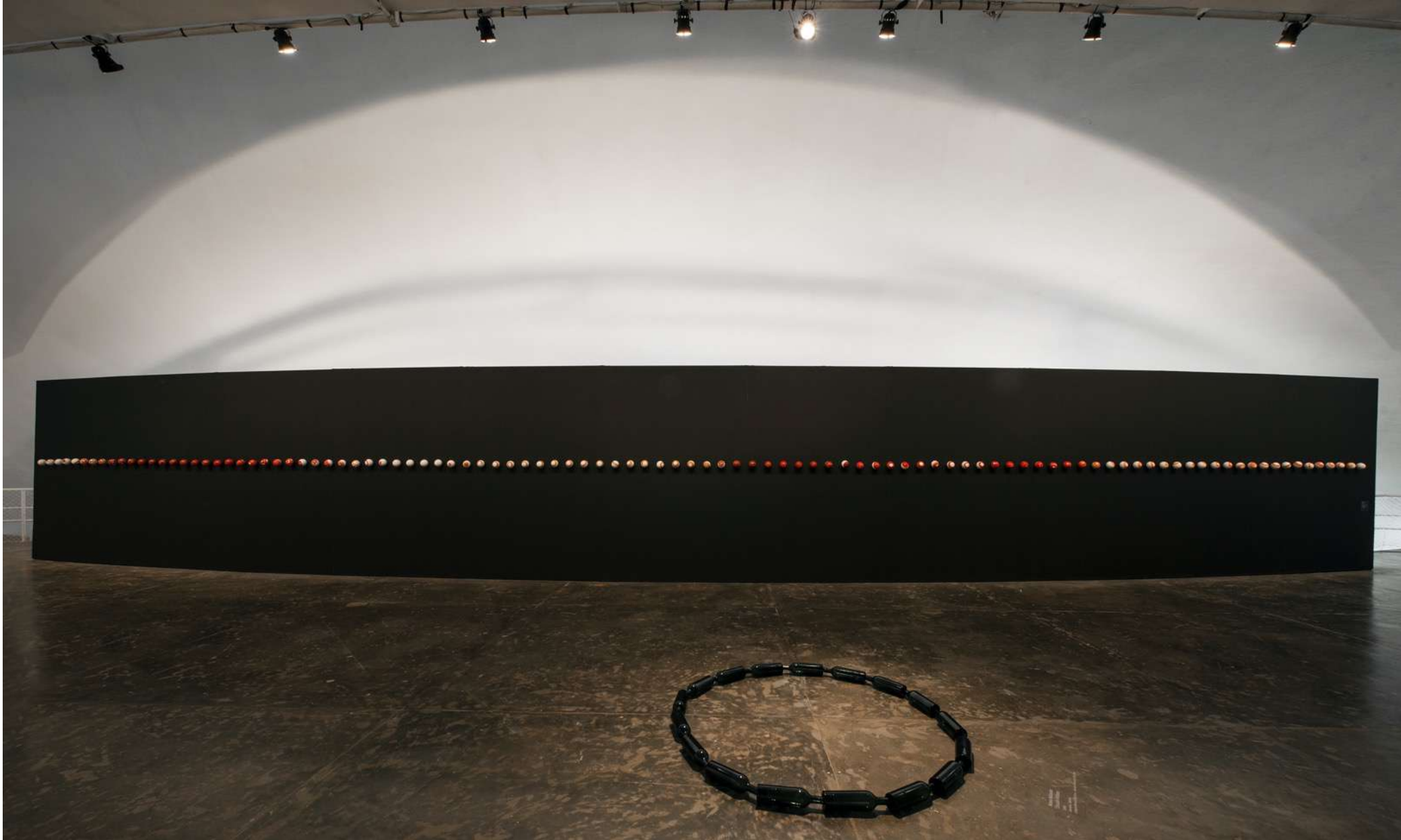
Série BRANCO DE SI
Mármore de Carrara
50 x 50 x 3 cm



Série BRANCO DE SI
Mármore de Carrara
50 x 50 x 3 cm



Série BRANCO DE SI
Mármore de Carrara
50 x 50 x 3 cm



A série O MUNDO É UM RASCUNHO faz parte de uma infinidade de bolinhas de cerâmica, de 10cm \varnothing cada peça, as quais a artista desenvolve há 15 anos. Exibida na OCA do Ibirapuera em 2014, fez parte da exposição coletiva "O Artista e a bola", instalada durante a copa do mundo de 2014 que foi sediada no Brasil, e teve curadoria de Fabio Magalhães.



VENHA VOCE
DE VOLTA O VENTO VA

PALAVRAS
E OCUPACAO
PELA PAZ

VEHO MAIS MENINGO
MAIS FLOR
MAIS CANTO
MAIS

OS PEDAGOGOS DE M

DE CUBA

OPORTUNIDADES

CONTE

FOI TÃO CORPO QUE FOI ESPÍRITO

Outubro 2016

“A frase de Clarice Lispector abre uma janela:

O sexo como condutor de espiritualidade, contradição entre corpo e espírito mistério que nos perpetua ânsia pela satisfação do eterno desejo de nosso ser incompleto

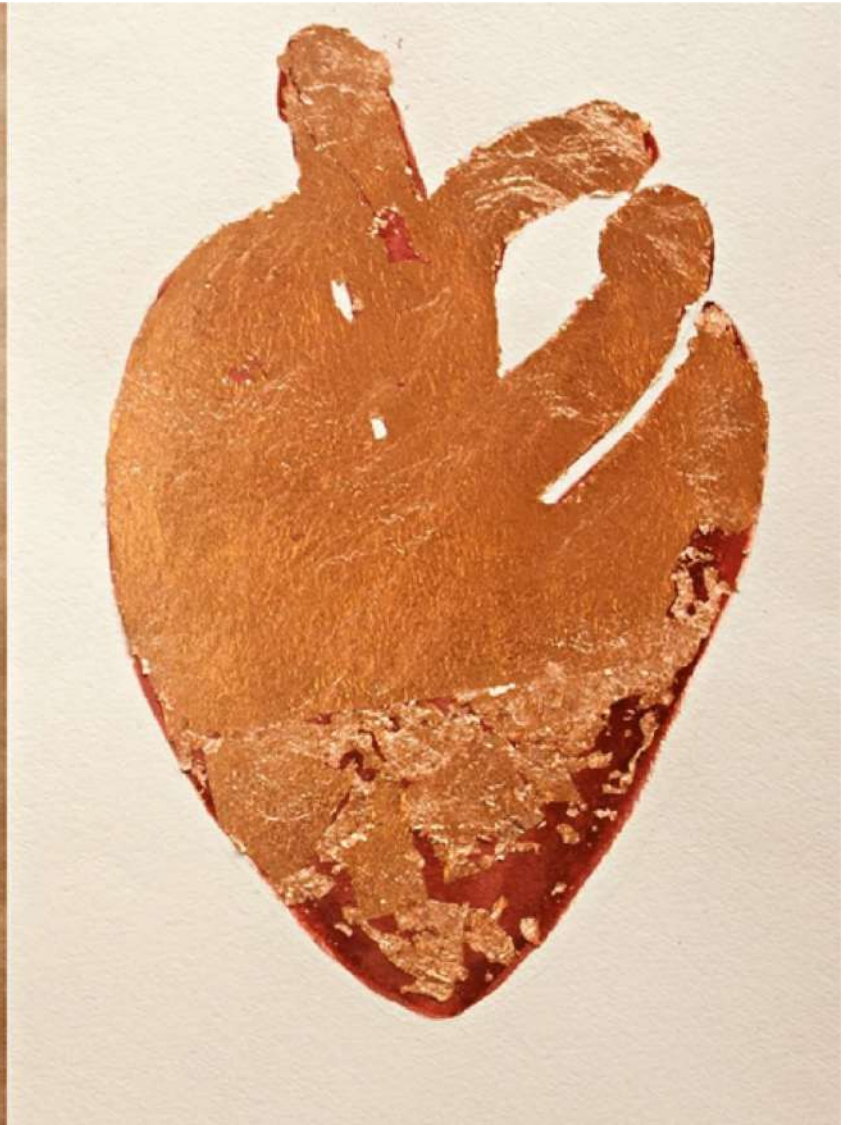
Por mais que o sujeito seja ou esteja fragmentado pelas condições contemporâneas, e cada um de nós capte e sinta o mundo singularmente, nossa subjetividade não escapa de questões vitais como amor, o ódio, o medo e o grande tema existencial de nascimento e morte: necessidade de reintegrar uma totalidade.

A aventura de viver é seguir procurando significados poéticos para a existência.

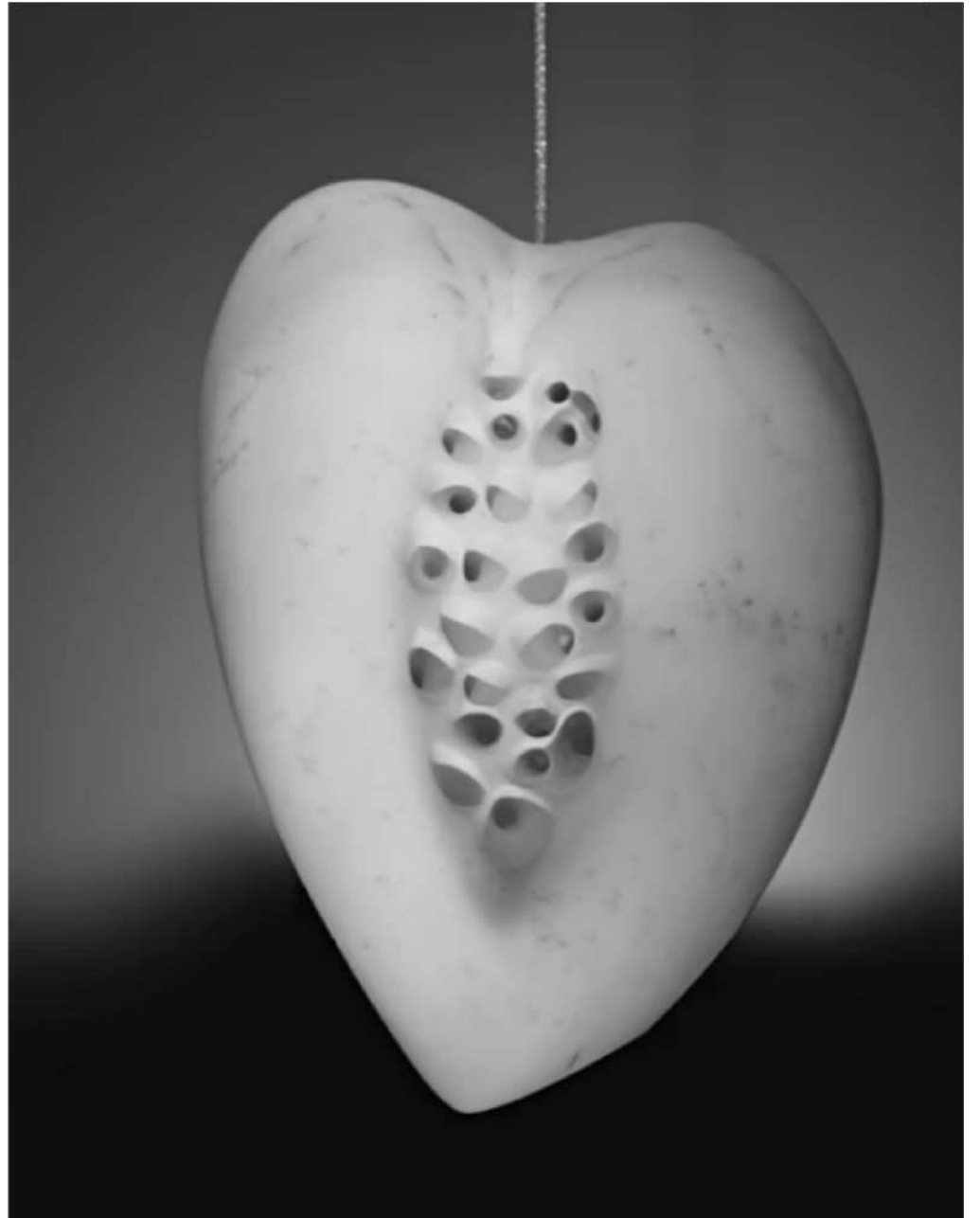
Para o artista praticar a construção da obra, pela repetição das ações necessárias para que o objeto faça sentido, se torna um ritual... permanece a sensação de não saber exatamente como esses objetos se resolvem, mas é nesse processo ritualístico que eles tomam forma.

Intuitivamente fui construindo objetos que se referem ao corpo humano, nossa única possibilidade de estar no mundo...

Essa exposição é uma oferenda, um ato de amor, um alerta pra o pensar dos sentidos a partir do coração.” - Silvia Mecozzi



Série Foi tão corpo, 2015/2017











LITTLE HEART, 2015
Mármore de Carrara
30 x 35 x 15cm

CRONOS, 2016
Ponta seca mármore de Carrara
30x12x10cm





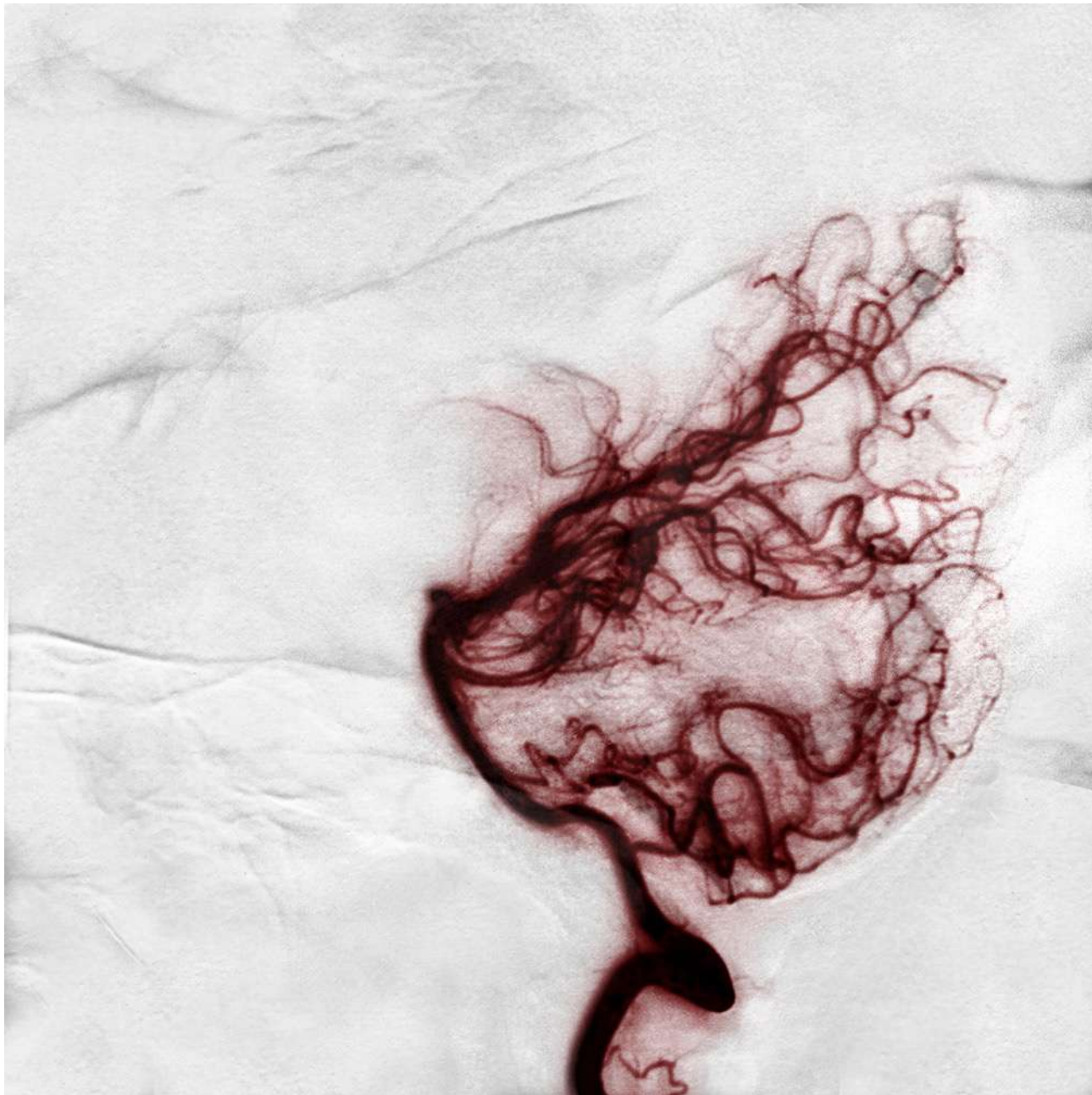
Tanatus, 2016
Mármore de Carrara



Moyra, 2016
Mármore de Carrara

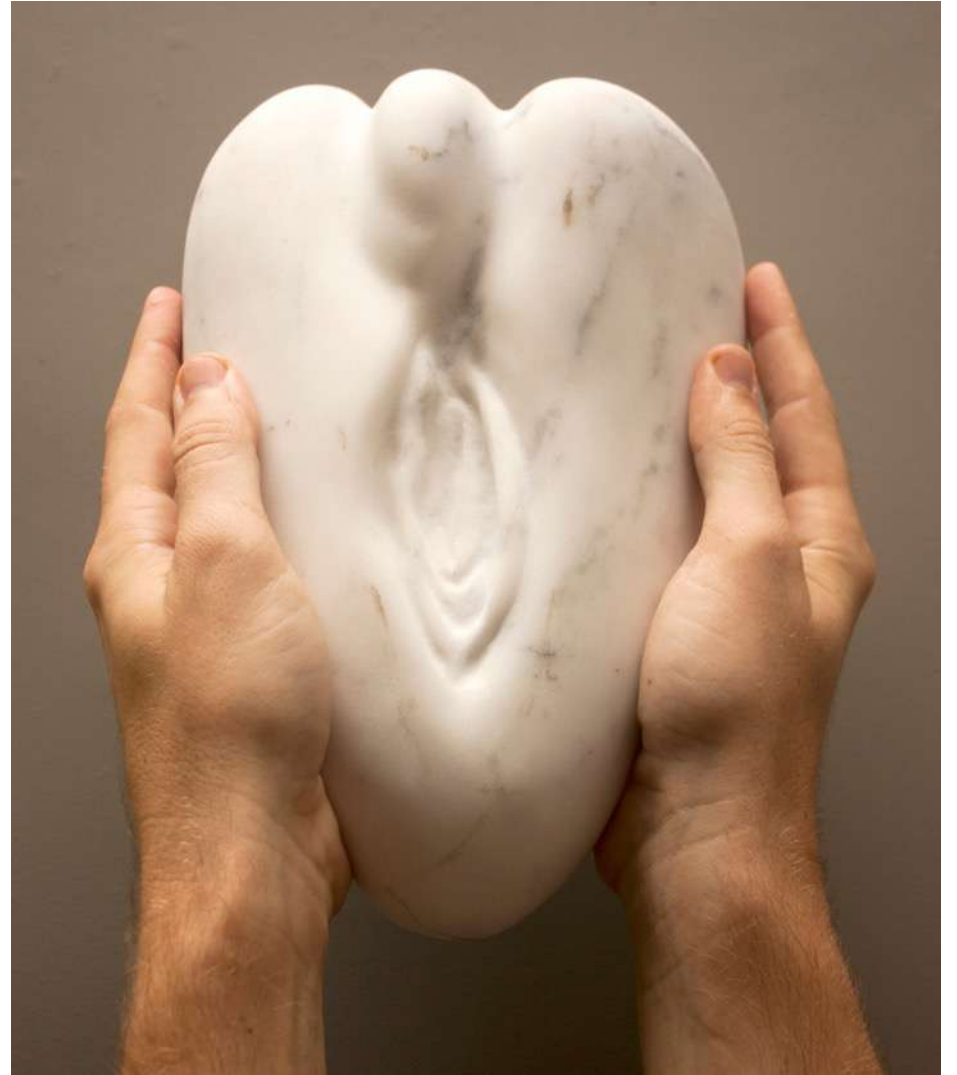


Série FOI TÃO CORPO, 2016
Jato de tinta sobre papel algodão
62 x 62 cm | Ed. de 3



Série FOI TÃO CORPO, 2016
Jato de tinta sobre papel algodão
100 x 100 cm | Ed. de 3





Alice, 2016
Mármore de Carrara



Morpheu, 2016
Mármore de Carrara



P Louise, 2016
Mármore de Carrara



Série Queda do Céu, 2020/21
Técnica mista sobre papel



Apesar da prudência de Omama, Vragi conseguiu assim
neste fato chegar a notícia de existência desse
metal aos ancestrais dos brancos. Por isso eles atressaram
as águas para vir à sua procura na terra do Brasil. Não é
boa que os brancos queiram escavar o chão de nossa
floresta. Ela é a casa dos balarras de Vragi criador
da morte. São netos do pai criador da morte. Os ga-
rimpeiros são filhos e netos de Vragi. Tornados seres
malignos, esses brancos só farão seguir seus pais. São
comedores de terra cheios de fumaças de índes.
Achaam-se todos podres. Mas seu pensamento é cheio
de escurecimento. Eles não sabem que Vragi colocou também
a morte dentro de suas máquinas. Assim buscam Omama
os escorregados para que eles não nos deixem no Xapiri
atormecidos sem filhos e netos. Mas os seus
filhos e netos não sabem que Vragi criou a morte
tememos a ruína da terra e
ruínas da terra e
car e a brisa que
mo ele no bush
seu solo com fatus
máquinas. Os garimpeiros
sugaram pó do fundo
do metal. Os brancos a água
que está escondida bem
altas, onde Omama veio à
barragem, é esse o metal de
Omama que os garimpeiros
querem atingir. Vi os brancos
destruindo a floresta to-
da à sua procura. Ficam
seguindo a pista de seus
destruidores em todas as
direções. Mas sempre em
vão porque OMAMA
está no mais fundo da terra



Coração loko
Série Queda do Céu, 2020/21
Técnica mista sobre papel
21 x 29,7 cm

esta terra nunca foi vazia no passado. Ela
 antes dos brancos chegaram nossos avós
 da floresta já viviam aqui. Esta é a terra
 O Mamã. antes de serem dizimados
 os nossos eram muito numerosos. Nos
 mofores, nem avião, nem carros. N
OS HOMENS A FLORESTA E O CÉU
 O chão dessa terra é grande e fértil
 que cintila com a vida
 magnífica
 modo para
 para de
 muito
 na floresta
 nossa vida
OS DESENHOS
 são estofados
 mas são muito
 ervores YAKOANA
 Sobre a terra
 Ela nos faz viver
 nos fazem crescer
 as presas que
 é muito alto e
 Todas as mercadorias
 em troca de todas as
 de papel do seu dinheiro
 das árvores queimadas
 calmadas. Nada disso
 mortos e dos queixadas
 e nada pode pagar o valor
 e se desloca na floresta
 Xapiri e os humanos f
 todas as mercadorias e dinheiro
 o suficiente para poder restituir o valor da floresta de
 Nenhum dinheiro poderá comprar os YANOMAMIS
 ameaças de EPIDEMIA

Coração pau
 Série Queda do Céu, 2020/21
 Técnica mista sobre papel
 21 x 29,7 cm

A floresta é a pele da terra, que
o dorso do antepassado HUTUKARA caiu no primeiro lugar
e a floresta que a mamã oculta nela e seu respeito
que ela se mantém com o respeito. São as
colinas e os rios, que os brancos não conhe-
cem. Eles não sabem a história mais do que a ideia
Apesar disso, eles estão cavando o solo sem se equi-
libram que fazendo. Isso não
se continuará. Eles estão enganados. Es-
tão enganados. Os brancos
são as placas do céu, da lua e as estrelas que caíram no
no primeiro lugar. Nosso antigo nome era
o metal. O nome é MAREXI XATIKARIXI. É também
o nome das estrelas. Esse metal vem do antigo céu
HUTUKARA que desabou sobre nossos antepassados. Tornou-
se fantasma durante o sono e os brancos trabalharam
com os metais. Arrancaram e raspavam grandes blocos
com suas ferramentas para fazer placas e utensílios de metal.
Porém, não se deram conta que os fragmentos do céu antigo
são muito perigosos. Ignoraram que sai deles uma fumaça
de metal deusa e amarelada, fumaça de epidemia, epidemia
tão poderosa que se lança como uma arma para matar
os que dela se aproximam e a respiram. Isso que OMAMA
não criou esse metal. O encontrou e escondeu a nova terra que
acabara de criar, a cobertura de cobrir a terra com árvores e espalhar
os animais de casa pela floresta. OMAMA ocultou a parte mais
dura e maléfica no freixo da terra, abaixo dos rios. Temia
que seu irmão YOASI fizesse mal uso do metal. Porém apesar
da prudência de OMAMA, YOASI conseguiu fazer chegar aos
brancos a notícia da existência do metal. OURO

Xawara

Série Queda do Céu, 2020/21

Técnica mista sobre papel

21 x 29,7 cm

Temeamos que a floresta acabe revertendo ao caos e amigui-
laudo os humanos, como ocorreu no primeiro tempo. Nossos
espíritos **xapiri** ficaram muito tristes ao observar a terra
machucada e torturada. Então, de seus voos
chorando suas feridas, eles muitas vezes suas
vozes lamentaram e chamaram a atenção para a situação.
longe para a floresta e dizia: "reunha-se o povo
e bebia **yāKoo** e os olhos morriam. Assim, depois
rado fantasma do espírito negro que carregava
peito do céu e a sociedade com umilha
meu sono e permanecia no chão da
quanto ninguém para as alturas. Então
capaz de voar e os **xapiri** e tudo se
recta. Então a beleza de nossa floresta
tro, a terra devastada e coberta de des-
recortes, por um belo de papel rasgado. Na esc-
Titiri, o espírito que cintilava e refletia com
de luz até aos montanhas, seu
recortes e pelos ancestrais dos
para edificar a vida. Os espíritos de
e os espíritos da terra como
tudo de nós. Então, a
Kr fim
reunidos, por
Os brancos
sopro eu fazia
o **hapënapëri**.
papel com as que
As imagens dos na-
São do mesmo tipo
centrais dos brancos.
manos de terras longínquas
Se eles continuarem com esses desenhos, vou lutar no caos e
Todos morreremos

Roda Xapiri
Série Queda do Céu, 2020/21
Técnica mista sobre papel
21 x 29,7 cm

Apesar da prudência de Omama, Voagi conseguiu assim
mesmo fazer chegar a notícia do existência desse
metal aos ancestrais dos brancos. Por isso eles alcaressaram
as águas para vir à sua procura, na terra do Brasil. Não é
foa que os brancos querem escavar o chão da nossa
floresta. Eles não sabem as palantras de Voagi, criador
da morte, estão neles. Voagi, criador da morte. Os ga-
rimpeiros são filhos e genros de Vrasí. Tornados seres
malféficos, esses brancos só farão seguir seus passos São
comedores de terra cheias de fumagens de epidemia.
Achaui - Se todos poderosos mas seu pensamento é cheio
de escuridão. Eles não sabem que Vrasí colocou também
a morte neles. Um homem que tanto buscam. Omama
os escondem para que o chefe do luto não nos
atorme. Sem frear. Deus no Xapiri
para poder nos curar. Não nos seus
filhos e genros. E não nos seus
tememos a ruína da terra e
ruins da terra e a abrir. Como
cer e abrir. Como ele no seu
mo ele no seu. Seu solo com fatos
suas máquinas. Os garimpeiros só com seu
sugaro pó do fundo dos rios. E não apenas os filh
do metal. Os brancos ainda não sabem o pai do obra
que está escondido bem mais fundo no centro das terra
altas, onde Omama veio à existência. Sem que o sa
bam, é esse o metal de Omama que os garimpeiros qu
rem atingir. Vi os brancos em sonhos destruir a floresta
da à sua procura. Ficam seguindo a pista de seus destr
ços em todas as direções. Mas sempre em vão por
OMAMA o soterrou no mais fundo da terra



Anel Ouro
Série Queda do Céu, 2020/21
Técnica mista sobre papel
21 x 29,7 cm

Ferida
Série Queda do Céu, 2020/21
Técnica mista sobre papel
21 x 29,7 cm





Ouro Canibal
Série Queda do Céu, 2020/21
Técnica mista sobre papel
21 x 29,7 cm



Magu, 2016
Bronze | 40 x 25 x 15



Apineal, 2016
Bronze | 22 x 8 x 2 cm



@arteformatto

www.arteformatto.com.br

arteformatto@arteformatto.com.br
+5511 97202-6307 | +5511 2640-9976

Horário de atendimento | Seg – Sex 10h às 18h
Sábados 10h às 14h

Local | Al. Gabriel Monteiro da Silva, 1364 - sobreloja

galeriabv@arteformatto.com.br
+5511 94132-7624

Horário de atendimento | Qua – Dom 11h às 19h

Local | Boa Vista Market espaço L23
Fazenda Boa Vista – Porto Feliz, SP.